

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano IV nº 17 Novembro-Dezembro de 1994

DOS SETORES

C.C.G. - Movimento Financeiro do Departamento de Psicanálise do Instituto "Sedes Sapientiae" Ano 1994 (set.)

Apresentação em 22/10/94

1. Introdução

A despeito dos embates quanto à nossa identidade e a recorrente questão da pertinência institucional, temos visto o Departamento crescer ao longo dos últimos 2 anos. Um crescimento suficientemente significativo para permitir entrever que o Departamento de Psicanálise pode ser, e tem sido, objeto de investimento por parte daqueles que nele atuam, acreditando nele como uma referência e estimulando o interesse de quantos outros a ele possam agregar-se.

Por outro lado, é preciso reconhecer que nem sempre conseguimos evitar que elementos de valor se afastem de nossos quadros.

Assim é que ao final de 1993, nossas listagens indicavam que contávamos com 137 membros enquanto que nesse momento estamos com 160 membros.

Esses números, no entanto, guardam um certo grau de distorção no que tange à possibilidade de fazermos previsões orçamentárias.

Uma vez que não temos outro meio de aferir quem é ou está membro num certo momento, a não ser pelo pagamento das semestralidades, é freqüente considerarmos grandezas que ao longo do ano não se verificam.

2. Quadro Comparativo

	1993		1994 (set/15/10)	
Inscritos	137	100%	160	100%
Anuidade totalmente quitada	108	79%	92	58%
Anuidade totalmente quitada	23	17%	38	24%
Inadimplentes	6	4%	30	18%

Uma vez que a maior fonte "oficial" de recursos de que dispomos é a contribuição dos membros, o quadro acima nos permite concluir pela precariedade com que opera-

mos, quando no início do ano é preciso fazer previsões de despesas e dotar de verba mínima os setores, a fim de permitir o seu funcionamento.

Também, o fato de não dispormos de mecanismos eficientes de informação sobre a filiação dos membros e cobrança das semestralidades acarreta despesas desnecessárias com o envio de correspondência, publicações e outros itens a destinatários já desvinculados de nossos quadros.

3. Demonstrativo Financeiro

A fim de subsidiar as discussões sob o ângulo organizativo do Departamento, buscamos apresentar um panorama das finanças nesse momento.

O quadro abaixo nos permite levantar alguns aspectos da dinâmica financeira e como temos operado com os recursos:

	Receitas (R\$)	
	Objetivo	Realizado
Semestralidades	7.800	6.800
Contribuições dos setores	—	2.940
Outros	—	2.900
Total	7.800	11.740

	Despesas (R\$)	
	Objetivo	Realizado
Administrativos	—	5.600
Correio	—	1.000
Mala Direta	—	1.400
Outros	—	500
Total	—	8.500

Neste demonstrativo não está incluída a operação de produção da revista "PERCURSO" que conta com verba própria. Mesmo assim, estão incluídos no item "Receita - Contribuição dos setores" a comercialização de números avulsos da revista que é feita em algumas livrarias e durante alguns eventos, bem como através de instituições em outros estados.

Também no item "Despesas - Correio e Outros" estão incluídos custos do Setor "Publi-

Editorial

"Uma maior visibilidade de nossas propostas" - Este é um trecho do "Projeto Sedes", escrito pelo grupo eleito para a próxima gestão da Diretoria, e que aqui publicamos.

Esta mesma idéia percorre vários dos textos deste Boletim, desde as "Novas Trajetórias" propostas pelo Setor de Eventos, onde aponta-se a importância da definição de uma "Política Geral do Departamento", até os vários textos em torno do "Congresso Interno" que falam por maior clareza em nossas propostas políticas, assim como pela explicitação das formas de ação para levá-las adiante. Esses são pontos em comum nas várias propostas de gestão.

Nestas páginas também fica patente o quanto temos realizado - não é pouco. As novas propostas vêm no sentido de podermos viabilizar, cada vez mais, um produtivo equacionamento das desafios do crescimento deste Departamento.

Por fim, votos de um 95 muito bom a todos.

Maria de Lourdes Caleiro Costa

cações" na tarefa de administrar o processo de edição da revista, além do BOLETIM.

A primeira parte do congresso dispõe de balancete próprio, visto que acarretou despesas específicas e foi em parte subsidiada por numerário em dólares de nossas reservas.

A Tesoureira,

Maria Lúcia Bersou

DOS SETORES

Publicações - Revista Percurso - Discussão do nº 12

Em 5 de novembro, realizou-se a terceira edição do debate que vem reunindo, a cada número de *Percurso*, autores e leitores. Abaixo, a transcrição aproximada das discussões, realizada por Renato Mezan e Renata Udler Cromberg. A finalidade deste resumo não é, naturalmente, estabelecer um registro exato do que foi dito por cada participante; a intenção é oferecer aos leitores de *Percurso* uma idéia tanto quanto possível fiel do teor geral dos debates.

Maria Laurinda Ribeiro de Souza iniciou os trabalhos dizendo o quanto gostou deste número: rico, denso, pertinente para as questões nele levantadas e que atraem o interesse dos membros do Departamento neste instante. Artigos como os de Garcia-Roza, Vera Stella Telles, Daniel Delouya, focalizam a seu ver os problemas decisivos da formação psicanalítica. Ressalta a importância do artigo de Janete Frochtengarten sobre a história do curso de Psicanálise, com seus meandros e conflitos, às vezes desgastantes, porém produtivos no final. Também no texto de Silvia Alonso, que discute as "crises" da Psicanálise em diversos momentos históricos, podemos ver como os problemas mais amplos da sociedade se refletem nas instituições analíticas. Deseja levantar uma interrogação: a preocupação com a autorização e com o reconhecimento não serão efeitos, sobre a instituição analítica, daquilo que se passa no seu exterior? Refere-se aqui ao vazio social e às possibilidades de criação da subjetividade neste social, que lhe parecem implicar a perda de certos "lugares narcísicos" antes claros. O tema da não-integração, tratado por Vera Stella Telles no seu artigo, poderia reverberar sobre o conhecimento analítico, que deseja validar-se a si mesmo. Este artigo, em sua leitura, revelou-se estranho e instigante.

Catalina: Para Winnicott, o ser humano tem uma tendência ao desenvolvimento, que pode ser ativada por uma mãe "devotada". Não se deve ter pressa com o desenvolvimento do bebê. Da mesma forma, na educação da criança e na formação do analista, o interessante seria reinventar os modelos, e não se limitar a utilizá-los. Laurinda retoma: o artigo de Garcia-Roza estimula o desejo de saber e a admiração pela precisão da Filosofia. Contrapõe "analistas bons de clínica" e "analistas bons de teoria". O depoimento de Cleusa Pavan mostra como

romper o militantismo, e os efeitos da entrada no Sedes; nisso se junta ao de Janete e ao de G. -Roza, no problema do "clínico" e do "teórico-clínico" (títulos dos seminários do curso numa dada fase). Gostou muito do texto de Eliana Borges Pereira, amoroso, corajoso, mostrando que a análise tem como segundo momento a auto-análise.

Janete Frochtengarten sublinha que o artigo de Cleusa Pavan coloca, a partir do pessoal, a questão geral do "desaprender". Fala da desintegração, de um remexer angustiado do já-ali para permanecer entre a integração e a não-integração. Quanto ao texto de Garcia-Roza, questiona: que formação é aquela em que, pela precariedade do ensino, ambos se encontram cindidos? O artigo fala da precariedade do ensino, mas isso não se relaciona com a precariedade da própria formação? Ana Sigal retoma: este artigo de Garcia-Roza mantém a dissociação entre teoria e prática. Como é possível uma formação sem um bom ensino da teoria? Por outro lado, o investimento conceitual da teoria não é suficiente, como afirmava Freud, que recomendava ao analista a familiaridade com outras disciplinas. Segundo sua opinião, o artigo de Garcia-Roza não supera estas dicotomias.

Laurinda comenta que o desejo de encontrar espaços novos para continuar a formação não é tratado por Garcia-Roza. Não é só a carência das instituições quanto ao ensino que determina isto; a formação simplesmente não cabe nas instituições. Ana Sigal pensa que a instituição pode desespecializar, sendo o terceiro para o analista em relação à sua prática e à sua formação. Garcia-Roza pensa que este terceiro é a Filosofia, mas para Ana tal função pode ser cumprida pelo trabalho coletivo na instituição. Laurinda acrescenta que o risco de fechamento especular pode existir em qualquer instância, e que as instituições correm este risco.

Janete coloca uma questão para Maria Emília Lino da Silva sobre a possibilidade de evolução da "função analítica", que segundo seu artigo todos nós possuímos de alguma forma potencial. Janete questiona se não se trata mais de uma função auto-teorizante que de uma função analítica. Maria Emília responde: É Bion quem afirma a existência desta função, não ela. Bion solta as idéias sem as explicar muito; para ela, foi útil o livro de Rubem Alves sobre a Filosofia da

ciência. Esta seria uma sofisticação do senso comum, depurada pelo método científico. O homem não inventa nada novo, só transforma o que já existe (Lavoisier). A Psicanálise não poderia ter se desenvolvido se não houvesse algo favorável a isso em nós, semelhante a ela. O que é pensar cientificamente? É reconhecer algo não-prazeroso. Existe assim uma função analítica da personalidade, sofisticada e ampliada pela disciplina psicanalítica. Ela não está só nos poetas, mas também na sabedoria das pessoas humildes. A idéia de uma função analítica "em geral" serve para diminuir a pretensão intelectual e em especial a pretensão dos analistas. O que a psicanálise faz é desenvolver esta função, para que possamos: operacionalizá-la e utilizá-la com outros.

Rubens Coura pergunta se isso é o mesmo que formalizar a Psicanálise. Maria Emília não gosta da palavra "formalizar", que lembra o inanimado. O que caracteriza a Psicanálise é o seu método; a análise desenvolve metodicamente a função analítica. Também não aprecia a idéia de "formação", que para ela lembra o "pôr numa forma". Prefere falar em desenvolvimento e em criação. Eliana Borges Pereira contrapõe: formar pode ser dar forma, não apenas colocar em "formas". Há uma multiplicidade de formas que podem ser utilizadas na trajetória de cada um. Maria Emília continua, dizendo que se sentiu mais próxima do Winnicott da carta a Melanie Klein do que do artigo de Rezende sobre Bion. Para ela, o exercício da função analítica consiste em deixar a repetição e em ser livre.

Eliana: isso seria desaprender com método. Kitty Haasz aproveita a deixa para sugerir que o problema não é o desenvolvimento espontâneo da função analítica geral, mas como trazer este desenvolvimento para o domínio da formação. Maria Emília ressalta que a formação dada não é idêntica ao que o "formando" recebe: pode ser recebida dogmaticamente, ou de modo plástico e livre. "A" formação não existe: são várias, o que aliás combina com o método psicanalítico que é ouvir o individual. A realização disto na formação seria ouvir o que está sendo recebido pelo "aluno".

Anna Amaral pergunta se os que desejam uma formação já não possuem a função analítica um pouco desenvolvida. A formação ampliaria o uso da função. Maria Emí-

lia lembra o livro *Uma Temporada com Lacan*; o jornalista tinha visivelmente um certo desenvolvimento na função analítica, mas não desejava converter-se em analista. Mara Selaibe se pergunta se não estaríamos dissociando excessivamente a função analítica da formação. Para Maria Emília, *Psicanálise é Psicanálise*, provindo da magia, da religião e da ciência, num percurso em que o nível anterior não é abolido pelos seguintes (como em Piaget). A *Psicanálise* é uma forma especializada de pensar, que engloba as outras: arte, magia, etc. O que são a transferência, a identificação projetiva, senão formas de magia? Introduce então uma comparação com o livro *Olho Mágico*, no qual se deve ver a figura em três dimensões. Este seria para Maria Emília um bom exemplo do que é a função analítica; há dor e acomodação do olho. Quando se adquire esta função, ela pode ser exercida ou calada. Saber calar, saber esperar o momento certo, são parte da "função negativa da mente" de que fala Bion. O bom professor analítico não quer do aluno a reprodução do que lhe foi ensinado, mas a prova de que é capaz de pensar.

Silvia Alonso introduz um outro viés na discussão: o que ocorre na análise só é possível porque contém algo do funcionamento subjetivo. Laplanche tem trabalhado o isomorfismo entre o processo analítico e o processo da constituição do sujeito. Este isomorfismo consiste na busca de ligação, de simbolização, a partir do movimento pulsional. Há outros isomorfismos também, acrescenta Silvia. Mas, quanto à função analítica, não está de acordo com Maria Emília. No analista, a função analítica tem a ver com a autorização dada pelo paciente para ler a transferência. Esta funda o método analítico, pelo que a metáfora do olhar tridimensional não lhe parece adequada - não se trata de uma forma de visão. Não é a insistência em que "há outra coisa" que define a função analítica: esta se constitui somente quando alguém outorga a outro o direito de a exercer. Nenhuma visão de mundo pode substituir a transferência.

Para Maria Emília, a transferência pode ser comparada à situação tridimensional da visão nas figuras do livro: a tridimensionalidade não está na figura, mas no olho, ou melhor, entre a figura e o olho, quando este vê de uma certa forma. Da mesma forma, o encontro da associação livre com a interpretação pode ser concebido como o encontro do olho com a figura, e deste encontro se pode vislumbrar o inconsciente. Também pensa que pode haver função analítica fora da situação analítica: Freud foi "analisado" por Fliess, costuma-se dizer, mas isto não é verdade. Fliess não era analista; como

Freud poderia desenvolver a função analítica, sem um analista, se ela já não existisse virtualmente nele, Freud? Bion dizia que alguns nascem psicanalistas. Quem não nasce, precisa de uma formação, e para isso existem as instituições.

Miriam Chnaiderman deseja levar a discussão para a instituição, que permanece como horizonte. Quem é analista? Quem não é? O artigo de Ricardo Goldenberg traz o paradoxo da formação - junta "desfazer" com "transmissão". Também ressalta a importância do artigo de Janete, que levanta problemas que não podem ser abandonados em nosso projeto de formação.

Laurinda: convém ser nômade, mas também convém se assentar, não ficar na beirada da poltrona. Em que momento a pessoa se "assenta" no seu lugar? Lembra o artigo de Eliana Borges: há diferentes momentos e etapas na análise. O que torna formadora uma instituição? Kitty complementa: qual *setting* torna possível às pessoas se assentarem como analistas? Para Eliana, o que possibilita encontrar este *setting* está exemplificado no "a posteriori" do seu sonho. Trata-se de levar a bagagem analítica a diferentes lugares. O "crédito" tem que ser dado pela instituição, que pode ter um caráter aberto, fechado, impeditivo, etc.

Renata Cromberg lembra a frase de Rodrigué sobre o "trabalho do poder" que deveria ser pensado junto com o trabalho do sonho e com o trabalho do luto (p. 9). Este trabalho estaria ligado à elaboração de pulsão de morte. Esta frase a mobilizou. Não havia ainda visto colocada a questão do poder como trabalho de dor do analista em relação à política das instituições. David Calderoni lembra que Menezes (p. 112, no "Debate") menciona que a função formadora da instituição é desenvolver a aptidão para o pensamento clínico, e maleabilidade do pensamento e a capacidade de formular isto no a posteriori do trabalho clínico. Há uma função "coerentizante" do eu e uma função disjuntiva do inconsciente. Eliana: a instituição pode ser um *setting* capaz de metabolizar as identificações. Renato Mezan observa que toda formação é "formação para", implicando uma coerção consentida. Existe uma oscilação entre estruturação e desestruturação. Por isto, gostaria de frisar o alvo proposto para a formação por Menezes: aptidão para o trabalho clínico, para o pensamento com as categorias da psicanálise, no seu entender. Não é qualquer vivência do indivíduo que lhe serve para sua formação como analista. A instituição serve como espaço virtual para canalizar, no sentido da formação, as experiências pessoais. Kitty procura resumir os diversos níveis de discussão até aqui: não transmitimos sem-

pre o que queremos; mas queremos algo. O que o outro capta do que transmitimos tem menos a ver com o que dizemos e mais com o que somos; por isso, devemos ficar atentos ao que nossa instituição é. Na nossa concepção de formação, como lidamos com os confrontos, as oposições, etc.? Pensar isso nos faria avançar na questão da formação.

Miriam considera que a instituição deveria ser disruptiva do enquadramento, não o cristalizando, o que seria perigoso. A instituição não deveria "dar chão", mas tirá-lo. Este é o paradoxo da instituição: ela é contraditória, porque deseja permanecer, mas visa a transformação. O "tirar o chão" significa questionar-se continuamente. Os problemas na instituição surgem quando há demasiadas certezas, quando a instituição "vai em frente" sem refletir sobre si. Em seu artigo, Silvia Alonso comenta como são necessárias as crises e Ricardo, no seu, mostra o paradoxo da instituição. Mara Selaibe discorda: o enquadramento não é apenas manutenção do *status quo*, mas garantia de um processo. Miriam: por isso, ele deve ser repensado a cada momento. Mara não se satisfaz: teme o risco do "samba do crioulo doido" se a finalidade da instituição for essencialmente desestabilizar o que se estabiliza em outra parte.

Silvia Alonso considera que, apesar da diversidade dos artigos do número, um ponto os une: a crítica ao dogmatismo. Emilio Rodrigué, em seu texto e em sua trajetória, é a expressão viva do que é o não-dogmatismo. Esta questão aparece em muitos artigos; poder-se-ia pensar que o dogmatismo tem a ver com a pulsão de morte, cujo efeito muito claro se pode discernir precisamente na rigidez do dogmatismo. Assim lê o artigo de Eliana: o dom é parente do dogmatismo, e como aceder ao crédito? Na transferência e na formação, não pode haver acesso ao crédito sem a busca do dom - mas sem o dom não pode existir crédito. Ora, o que, do instituído, dá a ilusão de que se pode outorgar o dom? O instituído não abrange todo o campo, se houver um coletivo que, na instituição, trabalhe este campo. Somente ela pode conferir o "crédito". Este paradoxo da instituição se expressa em diversos paradoxos da formação: é importante dar-se conta de que existe e respeitá-lo, fazer movimento com e contra ele.

Noemi Moritz Kon quer voltar à imagem de Ricardo Goldenberg: a do cartão de visita. Quando as pessoas mandam artigos para a revista, apresentam-se como "membros de...". Ser parte de... confere identidade, e permite a alguns autores criticar a revista na própria revista.

Maria Auxiliadora Arantes lembra o que

diz Micheline Enriquez na p. 13 do seu artigo: "Não há acordo sobre coisa alguma no que se refere à formação". O artigo a agradou muito, pois contém em si mesmo a diferença, mostrando que as questões que nos ocupam são as de todos os que trabalham nesta área. Também neste artigo se vê que - como mostra Garcia-Roza - as instituições deixam de lado a teoria e dão mais importância ao "training". Questiona, porém, este autor, quando afirma na p. 64 do seu artigo que os lacanianos demonstram mais vigor teórico do que os não-lacanianos. Questiona também os entrevistadores: por que não se pediu a ele que explicasse tal afirmação? Cumprimenta Janete Frochtingarten pelo seu artigo, que demonstra haver preocupação sobre o que fazemos no Departamento. Elogia também as resenhas, que trataram de livros relacionados com o tema geral. Apreciou muito a carta de Winnicott para Melanie Klein, pois pôde ver, por trás do autor prestigioso, "gente como a gente", conversando, mostrando seu lado humano e cotidiano. As dúvidas que temos, em suma, não são apenas nossas, mas permeiam o mundo analítico. Os entrevistadores de Garcia-Roza aceitam a crítica: não deram maior importância ao que disse sobre os lacanianos. A conversa, justamente, estava muito boa, muito fluida ... e isso passou despercebido.

Contudo, acrescenta Renato Mezan é preciso levar em conta qual a origem desta hiper-valorização da teoria entre os lacanianos. Na constituição do pensamento de Lacan, a Filosofia teve um papel essencial (Hegel, Heidegger), o que não ocorreu nem com Freud nem com os autores ingleses e americanos. Isto não significa maior rigor teórico, mas significa que para compreender este pensamento é mais necessário o recurso a conceitos filosóficos do que para compreender Klein ou mesmo Freud. O lado sombrio disso é, naturalmente, tomar os conceitos como se fossem realidades clínicas, e se perder na pseudo-profundidade e na repetição de fórmulas vazias.

Esta afirmação de Garcia-Roza certamente não passou despercebida, porém, no debate. Ana Sigal volta a ela, discordando, naturalmente: Garcia-Roza reitera a separação entre formação e ensino, esquecendo que nada grupo desenvolve uma política no campo analítico. A questão não é tanto epistemológica como política. Cristina Ocariz também discorda: há uma contraposição esquemática neste artigo, entre "analistas bons de clínica" e "analistas bons de teoria". De acordo; porém Garcia-Roza não se detém aí. Crítica também a repetição cega das teorias lacanianas por alguns dos seus seguidores. É verdade que a frase não é das

mais felizes, mas deve-se contextualizá-la no artigo, senão o empobrecemos.

Ana Sigal retoma a função da instituição na formação, e aproveita para corrigir um erro de impressão no seu texto do "Debate" (p. 115): saiu "ego ideal", quando o certo seria "ideal do ego". Quer voltar ao que disse Silvia Alonso: o papel da instituição é fundamental. Ela é objeto de transferência como espaço virtual da formação, embora se possa encontrar formação também fora dela. A questão está em como cada um se apropria do que a instituição oferece: é isso que possibilita a singularidade da formação. A instituição não pode pretender reproduzir "egos ideais" idênticos ao que ela propõe. Em sua comunicação no "Debate", havia condenado a tese do alinhamento entre ensino, análise e supervisão: esta não-amarração é preferível ao dogmatismo. Deve-se precisar o que se entende por "autorização": não é apenas validar laços especulares com o modelo de análise por ela proposto. O que consideramos "modelo de analista" determina a formação e a instituição, mas o que cada um faz com este modelo é uma questão individual. Por isso, acredita que o papel da instituição é dissolver o efeito das transferências especulares: daí chamá-la de "terceiro".

Noemi Moritz Kon aproveita esta idéia para dizer que, no livro do *Olho Mágico*, todos vêem a mesma figura, predeterminada pelo computador. Se na instituição todos vissem sempre a mesma figura, isso mataria a análise. Janete acrescenta que para tanto convém ver o próprio agente da formação como estando permanentemente em formação: isso ajuda a não bloquear a maleabilidade e a flexibilidade do formando. Existe sempre alguma coerção, mas esta deve ser minimizada. Uma frase do seu artigo é retomada por Angela Santa Cruz (p. 45), quando fala de "processo de criação" como posto a "modelo de ensino".

Daniel Delouya discorda de Maria Emília já que suas idéias voltaram à baila no que se refere à ciência. Esta não é senso comum sofisticado, apesar do que disse Bion, que no seu entender não compreendia muito bem como funciona a ciência. Interroga-se sobre se existe mesmo um método tão compartilhado, como pensa Maria Emília, entre os próprios analistas. Freud, na *Interpretação dos Sonhos*, critica o método antigo de compreender os sonhos, que não levava em conta as associações do sonhador. Para ele, Klein e Bion reintroduzem esta prática com seu método de interpretação. O método científico é coercitivo: quem não o obedece não faz ciência. Mas o método analítico não pode ser tido por científico porque luta contra a resistência, que não é um fenômeno

objetivo. São coisas totalmente diferentes. Maria Emília responde: não podemos falar de "o" método científico, porque ele não é o mesmo em todas as disciplinas científicas. É preciso olhar para o individual. Qual é a metapsicologia de cada autor? Dela depende seu objetivo, e portanto seu método. Para Bion, o importante é o pensar; para Lacan, a linguagem; para Klein, a experiência emocional. Como os objetos não são os mesmos, os métodos variam também. Continua pensando que a ciência é um desenvolvimento do senso comum, mas o cientista também precisa se afastar dele para poder negar as hipóteses que formula: o senso comum quer confirmar as hipóteses. Compara o teste de inteligência, que mede as respostas "certas", com a inteligência, que busca o novo.

Cecília Hirschzon ressalta mais uma vez a importância do artigo de Janete, que considera fundamental para compreender nossa situação. Também gostaria que Antônio Muniz Rezende explicasse o que quer dizer com a idéia de que a formação psicanalítica formaria "pensadores". Como a instituição faz: isso? Rezende responde lembrando a frase de Bion em *Second Thoughts* sobre ser um analista que escreve para analistas que lêem. Em suas obras e em suas supervisões, procura compreender como o paciente pensa. Para ele, a questão fundamental no ser humano é o pensamento. Poder-se-ia dizer que para Descartes a fórmula ideal seria: "não sei, logo penso"; para Klein: "não sei, logo penso"; para Bion, "não sei O, logo penso". Quando à instituição, para Rezende ela deve conter pessoas capazes de realizar várias funções: alguns ensinam a ler, outros a escrever, outros a pensar. Uma instituição é precisamente uma diversidade de funções. É preciso que alguém ensine a falar, não só a ouvir. Existe uma maneira de falar que corresponde à escuta. Algumas instituições fizeram opção por uma destas funções: é assim que compreende o que Garcia-Roza escreveu. E uma instituição bioniana deveria privilegiar o pensamento.

David Calderoni deseja retomar o que disse Miriam. Nesta instituição, o Departamento, como proporcionar o enquadramento para que o chão possa faltar? Gosta da idéia de Rezende de diferenciação de funções, que entende como certas instâncias proporcionando o "holding" e outras a retirada do chão. Ambos precisam existir. A questão de engenharia política do Departamento consiste em poder acolher a perda do chão. Gostaria de colocar a Rezende uma pergunta: em seu artigo, fala sobre o analista sem memória e sem desejo (p. 28), mas também cita Kant, quando diz que a intuição sem

conceito é cega e que o conceito sem intuição é vazio. Como conciliar estas duas afirmações?

Rezende: O Bion do começo é diferente do Bion do fim de sua obra. Em *Transformações*, afirma que existem questões melhor formuladas no vocabulário místico do que no vocabulário científico. Lembra o físico inglês Stephen Hawking, que fala também sobre o "fim da Física". O espaço do "não" é o de cegueira: se se vê ainda algo, é preciso ir além, pois, como diz Hamlet, há mais coisas, etc. Um paralelo entre Bion e Lacan é a questão da linguagem: não ter o que dizer lembra o "estado de graça" na teologia mística e certos aspectos da poética de Fernando Pessoa. A presença de Deus, para os místicos, é o que vem depois que se experimentou tudo. A mística é o silêncio das religiões, e é mais verdadeira em seu silêncio do que estas no seu falar. O percurso de Bion vai da fala ao silêncio, simbolizado pelo 0 (zero). Como traduzir isso na experiência clínica? Entre a mística e a psicose, a passagem é muito tênue e estreita.

Miriam lembra que isso não é muito diferente do que Lacan sugere com suas noções de "real", "des-ser", etc. Anna Amaral lembra a importância do pensamento oriental para Bion, que nasceu na Índia. Para Cristina Ocariz, o correlato entre mística e "des-ser" está na desconstrução do imaginário, mas Lacan não quer que se fique no real: é preciso reconstruir o imaginário. L

para Bion?

Rezende: o impasse ("cul-de-sac") não tem saída. Alguns falam no ceticismo de Bion, mas não é sua opinião. Se há inspiração lúida no pensamento de Bion, ela deve ser procurada na ação, não na fala. A ação é a clínica, Krishna diz a Arjuna: Você tem que lutar. Os contrários se conciliam, no caso do Bhagavad Gita sendo os amigos/inimigos/irmãos. É esta ação, como pragmatismo, que pode restabelecer o contato entre as pessoas, e a partir delas com a verdade. Bion não relança a religião como conjunto de dogmas, mas como o "therapêucin" grego, no sentido de cuidar. Estar ao lado do paciente - esta é a condição epistemológica para a cura.

Para Laurinda, Rezende está falando de coisas simples, mas reconfortantes: é a tentativa de globalizar que é ruim. Leu o artigo de Maria Emília como falando sobre o reconhecimento do desejo através do desejo de reconhecimento. O reconhecimento do desejo funda a troca na instituição: desejo de saber/desejo de poder, como lembra Maud Mannoni. Rezende observa que "je te reconnais" implica o "je te suis reconnaissant" (reconheço-te, reconheço a ti, sou reconhecido a ti). A gratidão é que confere a identidade, no seu entender.

Sildemar, de Maringá, se coloca nesta discussão como o "terceiro excluído". É professor na Universidade de Londrina e veio especialmente para o debate de *Percurso*. O que o trouxe foi a questão da formação.

Nota quantas vezes, nos artigos e nas falas de hoje, surgiu a palavra "questão". Pensa que há outras duas palavras que merecem atenção: "garantia" (a instituição garantindo algo) e "preocupação" (com a formação, com a garantia ...). Estas "questões" e "preocupações" não são exclusivas do Sedes: também no Paraná são levantadas. Para ele, a instituição é o espaço virtual da formação. Nota que a forma democrática de participar deste debate, com inscrições para falar, etc., implica numa "rivalização": repetimos textos de autores, tentando dar conta de nossa angústia frente a monólogos que se cruzam. Aqui também, acredita, ocorreu algo de semelhante.

Kitty considera que, ao falar, Sildemar se torna o "terceiro incluído". O que a revista deseja é incluir seus leitores no tecido da elaboração das idéias, o que, segundo lhe parece, foi realizado neste debate. Ressalta a importância da livre circulação da palavra e do fato de haver diálogo, para além das diferenças e divergências de opinião.

Certamente, este debate não esgotou todos os temas propostos pela revista, mas também não era esta a sua intenção. Aqui fica o registro do que se disse, para que com ele possamos continuar refletindo, nos criticando, e apurando nossos métodos de formação e nossa própria instituição.

Renato Mezan

Renata Udler Cromberg

DOS SETORES

Publicações - Análise do Índice Temático de Percurso

A segunda edição do Índice Temático de *Percurso*, abrangendo até o número 12 inclusive, traz algumas novidades em relação à primeira. Foram acrescentadas duas novas seções, a lista de autores e a lista dos livros resenhados, que vão facilitar a localização dos artigos nos quais o pesquisador estiver interessado. Também foram acrescentadas diversas rubricas novas, sendo incluídos nelas os artigos correspondentes dos números 1 a 8. São 836 entradas para um total de 142 textos, o que fornece uma média de 6 entradas para cada texto; alguns têm mais, outros menos, segundo a extensão e a variedade das questões abordadas em cada um.

O Índice permite uma espécie de radiografia do que é a revista, mesmo levando em conta o caráter inevitavelmente subjetivo dos critérios de indexação. Quero dizer com isto que, na ausência das "palavras-chave"

ou "unitermos" que, em outras revistas, permitem identificar imediatamente os temas de um artigo, tivemos que proceder a uma leitura diagonal de todos os já publicados, o que comporta alguma margem de erro na classificação dos assuntos. No entanto, esta possível fonte de equívocos é minorada pela variedade de rubricas e pelo princípio de incluir o artigo em duas ou mais das subdivisões principais do Índice. Uma verificação por amostragem revelou que não foi deixado de lado nenhum tópico importante de 25 artigos; ocasionalmente, um ou outro poderia ganhar espaço em mais uma rubrica, ou ser retirado de alguma delas; o conjunto, no entanto, parece bastante satisfatório em termos da precisão das referências.

Por "subdivisões principais" - que não aparecem como tais no Índice - entendo os seguintes eixos: **Aspectos Históricos e So-**

ciológicos da Psicanálise (rubricas como "Psicanálise na Angústia", "História do Movimento Psicanalítico" e outras); **Questões de Teoria e de Filosofia** ("História do Conceitos Psicanalíticos", "Epistemologia da Psicanálise"); **Autores Importantes** (Freud, Lacan, Winnicott, etc.); **Metapsicologia e Funcionamento Mental** (são rubricas como "Agressividade", "Fantasia", "Sonhos", "Mecanismos de Defesa", etc.); **Psicopatologia Psicanalítica** ("Depressão", "Psicoses", "Sadismo/Masochismo", etc.); **Questões Clínicas e Processos Analítico** ("Contra-transferência", "Relatos Clínicos", "Psicanálise em Instituições", "Regressão", etc.); **Questões de Formação** ("Supervisão", "Departamento de Psicanálise do Sedes", etc.) e, por fim, **Psicanálise Aplicada** ("Psicanálise e Literatura", "Psicanálise e Filosofia", "Psicanálise e Fenômenos Sociais e Políticos", etc.).

Uma observação cuidadosa do Índice mostra as seguintes proporções para estes vários eixos ou subdivisões principais:

- 1 - Aspectos históricos e sociológicos:
51 entradas - 6,1% das 836
- 2 - Questões de filosofia e teoria em geral:
60 entradas - 7,2%
- 3 - Autores Importantes:
93 entradas - 11,1%
- 4 - Metapsicologia e Funcionamento Mental:
268 entradas - 32%
- 5 - Psicopatologia Psicanalítica:
66 entradas - 10,6%
- 6 - Questões clínicas e Processo Analítico:
157 entradas - 18,8%
- 7 - Questões de formação:
52 entradas - 6,2%
- 8 - Psicanálise "aplicada":
93 entradas - 11,2%

Vejamos rapidamente o que significam estes números.

1) Aspectos históricos e sociológicos:

aqui a referência é aos diversos países e às associações psicanalíticas. A distribuição reflete os vínculos estabelecidos pelo Departamento: "Psicanálise no Brasil" tem 12 entradas, "na França" 13, "na Argentina" 5. Cresceu bastante o número de referências à psicanálise inglesa em relação ao Índice anterior, espelhando, como se verá adiante, a maior presença de Bion, Klein e Winnicott nos números 8 a 12 da revista.

2) Questões de filosofia e de teoria em geral:

sob a rubrica "Epistemologia da Psicanálise", elencamos artigos que discutem o método analítico, ou problemas ligados à consistência da teoria, etc. Destes há 23. O outro grande tópico aqui abordado é o de Ética, com 13 entradas. "História de Conceitos Psicanalíticos" comparece com 6, e "Natureza da Psicanálise" com 7.

Estes eixos são de cunho mais genérico, e parece-me significativo que não cheguem a 15% dos elementos do Índice. Tal resultado sugere que a erudição não é um aspecto freqüente dos artigos de *Percorso*, seja no sentido pejorativo de erudição ornamental, seja no sentido de abundantes referências históricas, biográficas, etc...

3) Autores Importantes:

das 89 entradas, 33 referem-se à prática ou aos conceitos de Freud, 21 a Lacan, 7 a Melanie Klein e 5 a Winnicott. Aqui também a orientação "franco-freudiana" do Departamento se manifesta com clareza.

4) Metapsicologia e Funcionamento Mental:

este eixo é o centro do Índice, com um terço das referências. Trata-se dos conceitos de

uso mais freqüente na clínica e na reflexão teórica. Das 268 referências, temos 18 sobre "identificação", 16 sobre "narcisismo", 13 sobre "desejo" e mais 13 sobre "sujeito"; 12 em "Ideal do Ego", "Inconsciente", "Linguagem e Pensamento" e "Sexualidade feminina", e 11 sobre "Princípio e Prova de Realidade". Visivelmente, a marca francesa está presente, pois 119 das 268 referências lidam com organizadores de um tipo bem delineado de Psicanálise. Por outro lado, são pouco freqüentes temas como "Teorias Sexuais Infantis", "Repressão", "Imagens Materna e Paterna", "Sexualidade-Eros", "Simbolismo", "Complexo de Castração", "Tópica" (todos com entre 1 e 4 menções). Isto pode indicar tanto uma tendência da clínica contemporânea - mais centrada, talvez, nas questões do narcisismo e do sujeito do que na análise da sexualidade tal como se fazia anteriormente - quanto um viés da revista, que selecionaria com mais freqüência temas de um gênero do que de outro. Esta questão permanece em aberto.

5) Psicopatologia Psicanalítica:

menos de 8% das menções. Decididamente, estes problemas são pouco tratados nas páginas de *Percorso*, pelo menos sob a forma tradicional de artigos sobre histeria, neurose obsessiva, etc. Curiosamente, questões como "sedução" (12 entradas) e "psicose" (11) aparecem com mais freqüência. Mas claramente a orientação da revista não privilegia trabalhos do gênero "doença-conduta-cura", embora a dimensão clínica esteja bem presente (item a seguir).

6) Questões clínicas/Processo Analítico:

157 entradas, ou cerca de um quinto do total. Dá-se mais atenção ao "Funcionamento do Analista" (24), ao "Processo Analítico" (27) e aos "Relatos Clínicos" (22), bem como à "Transferência" (21) e à "Psicanálise em Instituições" (20). Ou seja: sem divulgar uma psicanálise para-médica, *Percorso* publica com freqüência material de direto interesse clínico, voltado no mais das vezes para os mecanismos próprios da situação analítica e de seus protagonistas, o analista e o paciente.

7) Questões de Formação:

ganham um número inteiro, o 12; isto explica o elevado número de referências à formação em seus diversos aspectos (30), à supervisão (9) e às concepções e práticas vigentes no próprio Departamento (13). Contudo, este eixo ombréia com os dois primeiros em volume, não sendo dos mais visados pelos autores, nem pelo Conselho Editorial.

8) Psicanálise "Aplicada":

regula em importância com os "autores", com cerca de 10% das menções. De longe, o item que mais aparece é "Psicanálise e Fenômenos Sociais e Políticos" (37), seguido por "Psicanálise e Filosofia" (22) e "Psicanálise e Literatura" (17). Isto sugere que, em *Percorso*, a utilização do instrumental analítico para compreender o que se passa na sociedade e na cultura é bem-vinda, embora ocupe em nossas páginas espaço menor do que os problemas da prática *strictu sensu*. Uma revista para profissionais, portanto, mas profissionais para quem o que se passa fora da sala de atendimento se reveste de importância e merece atenção.

Em resumo, 580 referências ao "profissional" (70% do total), 111 à história e sociologia da disciplina (7,3%), 52 à formação (6,2%), 93 à relação psicanálise/áreas conexas: estes números dão uma idéia bastante razoável do que *Percorso* vem publicando, dos seus focos de interesse e das questões que eventualmente podem ser abordadas com mais freqüência.

Quanto à procedência dos artigos, 84 dos 142 publicados até hoje são de membros do Departamento, af incluídas resenhas e entrevistas. Isto equivale a 60% dos títulos; em volume de páginas, porém, a proporção de textos de fora do Departamento é um pouco maior, especialmente nos últimos números, nos quais a Comissão Editorial convidou pessoas de várias "origens" para escrever sobre os diversos temas. Dos 58 artigos restantes, 15 são de autores de São Paulo, 18 de outras cidades brasileiras e 25 provêm do Exterior: ou seja, de cada dez artigos, seis são "nossos", dois são traduções, um vem de São Paulo (outras associações e grupos analíticos) e um vem de outras cidades brasileiras.

Em termos de abertura editorial, estes números espelham as opções feitas pela revista e mantidas desde o seu início: sem deixar de ser uma revista do Departamento, ela inclui uma boa proporção de textos de não-membros. Estes textos, pelo simples fato de nos serem encaminhados, testemunham a penetração de *Percorso* nos meios analíticos e para-analíticos do País; se a publicação não fosse conhecida e apreciada, ninguém estaria interessado em escrever para ela. Esta é uma conquista importante, já que existe um grande número de publicações "psi" de natureza paroquial, isto é, que veiculam essencialmente a produção de um mesmo grupo. Neste mercado saturado, a revista vem-se impondo como uma opção para aqueles que desejam ter seu trabalho conhecido para além dos muros de sua própria casa. Editorial e comercialmente, esta característica é um grande trunfo de *Percorso*.

curso, e a base sobre a qual pode edificar seu crescimento futuro.

Por outro lado, a necessidade mais urgente é incrementar a produção "doméstica" do Departamento, que por vezes parece insuficiente para manter o ritmo da revista. Isto se verifica consultando a lista dos 99 autores que já compareceram nas suas páginas: seis deles publicaram 4 ou 5 artigos cada um nos doze números da revista. Estes seis são professores do curso: Silvia Alonso, Janete Prochtengarten e Miriam Chnaiderman (5 cada), Luis Carlos Menezes, Renata Cromberg, Renato Mezan (4). Mais uma vez, é de certa forma natural que, numa revista do Departamento, haja uma elevada proporção de autores provenientes do seu setor mais antigo e melhor estruturado - o

Curso - e que, além disso, está diretamente envolvido com a "produção de conhecimento", isto é, com aquilo de que podem ser feitos artigos publicáveis. Mas espanta um pouco ver que 27 dos 142 artigos (praticamente 20%) são de seis autores apenas, proporção que aumenta para quase 1/3 (32%) se consideramos somente os 84 artigos provenientes do Departamento - ou seja, quando a Comissão Editorial aprova textos deste tipo, uma vez em cada três eles são assinados por este reduzido grupo de pessoas. Não quero, com estas observações, semear inquietação desnecessária em nossas fileiras; noto apenas que é necessário estimular mais pessoas "nossas" a enviar textos, ou, caso contrário, corremos o risco de publicar uma revista na qual outros es-

crevem para nosso deleite e desfrute, enquanto nós mesmos permanecemos na confortável posição de "voyeurs" e de juízes. Em todo caso, estas breves observações dão uma idéia razoável da maneira pela qual se distribuem, por origem e por temas, os textos publicados por *Percurso*. Para além das piruetas estatísticas, o importante é a dimensão qualitativa: ela mostra, sem dúvida, uma publicação que se firmou no panorama "psi" e que vem se mantendo fiel aos princípios que nortearam o projeto original. Cabe a todos nós, membros do Departamento que a edita, velarmos para que ela se mantenha e se aprimore.

Renato Mezan

DOS SETORES

Estatutos da Sociedade Civil Percurso

ART. 1) A Sociedade Civil Percurso é uma associação civil sem prazo determinado de duração, com sede e foro na cidade de São Paulo, à Rua Ministro Godoy, 1484, CEP 05015900, bairro das Perdizes.

Art. 2) São objetivos da Sociedade Civil Percurso:

I) Publicar a revista *Percurso*;

II) Apoiar as atividades e a produção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae;

III) Estabelecer convênios e intercâmbios com entidades congêneres, nacionais e internacionais, para viabilizar o disposto nos itens I e II deste artigo.

Art. 3) A Sociedade Civil Percurso terá em seu quadro social associados nas categorias de "fundadores" e "efetivos". Os sócios não respondem, sequer subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art. 4) São fundadores os membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae que participarem da fundação da Sociedade, aprovando seu Estatuto e assinando a ata de fundação.

Art. 5) São efetivos todos os fundadores e os membros do Departamento de Psicanálise que, após a fundação, vierem a fazer parte da associação.

Art. 6) Para tornar-se sócio efetivo, um membro do Departamento deve encaminhar solicitação neste sentido à Diretoria, que deliberará a respeito nos termos do Regimento Interno.

Art. 7) São direitos de todos os sócios, fundadores e efetivos:

I) Votar e ser votados para os órgãos de administração;

II) Propor a admissão de novos sócios, desde que estes já sejam membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; neste caso, o indicado deverá proceder como disposto no Artigo 6.

III) Apresentar propostas à Sociedade;

IV) Participar da Assembléia Geral.

Art. 8) São deveres de todos os sócios:

I) Zelar pelo bom nome da Sociedade Civil Percurso e pela realização dos seus objetivos;

II) Acatar as deliberações dos órgãos administrativos da Sociedade.

Art. 9) Os sócios que não cumprirem o dispositivo no Artigo 8 terão seu caso examinado pelos órgãos decisórios da Sociedade, podendo ser punidos com advertência, suspensão e exclusão dos quadros.

Art. 10) São órgãos de administração da Sociedade Civil Percurso: a Assembléia Geral, o Conselho Fiscal e a Diretoria. Os membros destes órgãos não perceberão qualquer remuneração por seus serviços.

Art. 11) Os cargos da Diretoria e do Conselho Fiscal da Sociedade Civil Percurso serão providos através de eleições a cada três anos, convocadas pelo Presidente na forma estipulada pelo Regimento Interno.

I) Para participar das eleições, tanto como eleitores como candidatos, os membros da Sociedade deverão estar quites com as contribuições fixadas na forma do artigo 19, item III destes Estatutos.

II) Os interessados em ocupar funções na Diretoria e no Conselho Fiscal deverão encaminhar à Diretoria ofício neste sentido até 30 dias antes da data das eleições, a fim de que esta divulgue seus nomes a todos os

sócios em condições de votar.

Art. 12) Compete à Assembléia Geral:

I) Eleger o Presidente da Sociedade Civil Percurso;

II) Eleger os membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal;

III) Escolher os membros da Diretoria;

IV) Decidir, em grau de recurso, sobre todos os assuntos de interesse da Sociedade Civil Percurso;

V) Reformar os Estatutos, mediante o voto favorável de 2/3 dos presentes;

VI) Deliberar sobre a dissolução da Sociedade, nos termos do Regimento Interno.

Art. 13) Compete ao Presidente:

I) Representar a Sociedade, em Juízo ou fora dele;

II) Convocar e presidir as reuniões do Conselho Fiscal e da Assembléia Geral, bem como as sessões públicas da Associação.

III) Convocar as eleições, na forma prevista pelo Regimento Interno.

Art. 14) Compete ao Conselho Fiscal, composto pelo presidente e por quatro membros efetivos, além de três membros suplentes, examinar as contas da Sociedade Civil Percurso e emitir parecer sobre elas.

Art. 15) A Diretoria será composta por um Diretor, um Secretário e um Tesoureiro, eleitos pela Assembléia Geral para um mandato de três anos renováveis, por maioria simples dos votos dos presentes.

Art. 16) Compete ao Diretor:

I) Tomar as providências necessárias ao bom andamento dos projetos e atividades em curso;

II) Zelar pelo expediente cotidiano da Sociedade Civil Percurso;

III) Substituir o Presidente em seus impedimentos.

Art. 17) Compete ao Secretário:

I) Lavrar e subscrever as atas das reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral;

II) Auxiliar o Presidente e o Diretor, e substituir este último nos seus impedimentos e ausências.

Art. 18) Compete ao Tesoureiro:

I) Administrar a receita, contribuições, fundos, donativos e patrimônio da Sociedade Civil Percurso;

II) Substituir o Secretário nos seus impedimentos e ausências.

Art. 19) Constituem receitas da Sociedade Civil Percurso:

I) Os recursos provenientes de assinaturas da Revista Percurso;

II) Os recursos derivados da venda de

exemplares avulsos da Revista Percurso e de outras publicações editadas pela Sociedade;

III) Contribuições dos sócios, sob as formas fixadas pelo Regimento Interno;

IV) Os recursos derivados das atividades promovidas pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tais como cursos, conferências, ciclos de debates, desde que apoiadas na forma de artigo II, item 2.

V) Subvenções, auxílios, doações ou legados que lhe forem concedidos por pessoas físicas ou jurídicas, nacionais ou estrangeiras.

Art. 20) O Regimento Interno, elaborado pela Diretoria, estabelecerá as formalidades de convocação, instalação e funcionamento dos órgãos administrativos da Socie-

dade Civil Percurso, bem como as modalidades da contribuição dos sócios mencionados no art. 19, item III destes Estatutos.

Art. 21) Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria, cabendo recurso à Assembléia Geral, nos termos do Regimento Interno.

Art. 22) Em caso de dissolução, o patrimônio da Sociedade Civil Percurso reverterá para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, na forma deliberada pela Assembléia Geral que optar pela dissolução.

São Paulo, 21 de setembro de 1994.

DOS SETORES

Setor Saúde Mental e Instituições

Grupo de Convênio com a Secretaria do Estado de Saúde

Para o ano de 1995 estamos abrindo aos membros do Departamento 2 vagas para Coordenador de Grupos de Trabalho - Supervisões, seminários, etc... Os grupos são constituídos por profissionais que trabalham em unidades de Saúde do Estado e da Prefeitura.

O Setor oferecerá 8 atividades, todas no Sedes, sendo que estão em aberto, precisando de Coordenador, uma atividade sobre grupos e uma atividade introdutória à psicoterapia psicanalítica na instituição.

Os colegas candidatos às vagas devem ter alguma experiência com saúde mental em instituições públicas e interesse em participar do Setor. Devem deixar curriculum com

a Rose até 05.02.95.

Para maiores esclarecimentos entrar contato, ainda em dezembro, com Angela Santa Cruz - Fone: 62.1936.

Setor Saúde Mental e Instituições

DOS SETORES

Eventos

Encerrando e Propondo Novas Trajetórias

O Setor de Eventos apresentou um poster na 2ª etapa do Congresso Interno com o intuito de encerrar sua atual gestão, e colaborar com algumas reflexões sobre o funcionamento do Setor, resultado da discussão do grupo que há quatro anos vem trabalhando nesta atividade.

A relevância da realização de Eventos para a vida do Departamento foi sendo melhor compreendida por nós através do trabalho realizado nestes anos. Dessa experiência surgem duas conclusões importantes para orientar futuras propostas:

A) A programação dos eventos deve estar ligada à Política Geral do Departamento, o que significa definir uma política de eventos.

B) A realização de Eventos exige um nível de organização e administração eficientes, compatíveis com o objetivo de ser uma

importante fonte de renda para o Departamento de Psicanálise.

A partir dessas duas conclusões sugerimos para a próxima gestão da C.C.G. (ou à outra forma de direção que venhamos assumir) um outro formato para Eventos. Ao invés da estrutura de setor, propomos que se organize como equipe ou comissão ligada diretamente à direção do Departamento de Psicanálise, a fim de garantir uma sintonia com a Política Geral do Departamento, através da confecção de uma pauta anual de temas prioritários, definindo assim uma Política de Eventos.

Como a realização de eventos exige muito trabalho operacional - contactos, organização, infra-estrutura, divulgação, eventuais publicações, etc. - a equipe ligada à direção poderia ser ampliada por comissões de tra-

balho para a realização de cada evento, compostas por elementos dos diferentes setores, ou membros do Departamento, conforme o interesse no tema evento.

Sugerimos ainda que essa equipe tenha um tempo definido de gestão, que poderia coincidir com o da C.C.G.

Concluindo, a proposta seria centralizar a política de Eventos e descentralizar o trabalho operacional e executivo.

Apresentamos a seguir, um histórico dos eventos realizados nos últimos anos.

Setor de Eventos

Adriana de Bona, Ana Maria S. Leal,

Cecilia Galli, Jassanan D. Pastore,

Lilian Quintão, Maria Stella S. Leite,

Mario Fuks

DOS SETORES

Eventos

1977

- 1ª Jornada Interna: A 1ª ENTREVISTA

1978

- Visita de Herbert Rosenfeld

Conferência, seminários e supervisões clínicas.

Organizador: Roberto Azevedo

1980

Jornada Interna: EPISTEMOLOGIA E PSICANÁLISE

Relatos introdutórios: Fábio Hermann, R. Monzani, Iraí Carone

- Jornada Interna FORMAÇÃO: O PROJETO E O CURSO

Relatos introdutórios:

Regina Chnaidermann: SOBRE A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA NO BRASIL.
Mario Fuks: SOBRE SUPERVISÃO

- Conferência

PIERA AULAGNIER: A VIOLÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO

Apresentação: Marilena Carone - Marilsa Tafarel

Organização: Centro de Debates (ex-alunos)

Tradução: Mania S. Deweik

- Conferência Fernando Ulloa:

A INSTITUIÇÃO DA ANÁLISE A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO

- Mesa Redonda: PSICANÁLISE E INSTITUIÇÕES

Participantes: Sergio do Prado (Equipe de Psiq. Social de Diadema)

Lúcia ... (C.S.M. de Butantã)

Beatriz Aguirre

Nelson Carozzo (do Hospital Dia A Casa)

Coordenação: Mario Fuks

Organização: Mario Fuks, Remo Rotella, Sérgio do Prado e Nelson Carozzo

1981

- Conferência:

- Henry Lefevre:

O INCONCIENTE SOCIAL DA PSICANÁLISE

- Kostas Axelos:

PSICANÁLISE E FILOSOFIA

Tradução:

Suely Rolnik

- Conferência:

Felix Guattari:

A MODELIZAÇÃO EM PSICANÁLISE E OS MODOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Tradução: Suely Rolnik

Coordenação: Mario Fuks

- Conferência:

Henry Maldiney:

COMPREENSÃO DA PSICOSE

Tradução comentada: Bento Prado Júnior

Coordenação: Miriam Chnaidermann

- Conferência:

Bernard Penot: RECUSA E INTERPRETAÇÃO

Coordenação: Regina Chnaidermann

- Conferência:

Raul Sciarreta:

NEUROSE-PSICOSE-PERVERSÃO

Coordenação: Regina Chnaidermann

1982

- Jornada Interna:

PSICANÁLISE e PSICOTERAPIA

Relatores:

Joel Birman (RJ)

Renato Mezan

Renata Tennenbaum

Rubia Delorenzo Morais

Organização: Alejo Viviani, Joanna H.

Nogueira, Mario Fuks, Renata Tennenbaum,

Renato Mezan

Foi feita apostila, "Psicanálise e Psicoterapia"

1985

- Conferência de Cornelius Castoriadis

- CONVITE a René Major

CONFERÊNCIA: OS NOMES DO PAL-PSICANÁLISE E NAZISMO

Organização: Silvia Alonso, Janete Froehengarten, Luis C. Menezes, conjuntamente com Manoel Berlink

1986

- CONVITE a León Rozichner

Seminário: PSICOLOGIA DAS MASSAS

Conferência: FREUD E CLAUZEWITZ: O PROBLEMA DO PODER

Mesa redonda: PSICANÁLISE E POLÍTICA

Participantes: Gregório Barrenblit (Brasil), Leon Rozichner (Argentina), Manuel Calviño (Cuba)

Walter evangelista (Brasil)

Coordenação: Mario Fuks

- Video PSICUBA

Realização: Heidi Tabacof/Marta Assolini/Cida Aidar

1987

- Conferência:

Juan C. Volnovich: PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, HOJE

- Mesa Redonda: A QUESTÃO NUCLEAR: COMO NOS AFETA?

Participantes:

Alberto Castiel (Mov. Bras. pelo Desarmamento e Paz)

Eliezer Rizzo (Cientista político)

Jose Zats (Físico Nuclear)

Mario Fuks (Psicanalista)

Natalina Mutarelli (Psicanalista)

Texto de base: "O Silêncio é o Autêntico Crime" de Hanna Segal (1985)

1988

- Mesa Redonda: PENSANDO BION

Participantes:

Maria Emilia Lino da Silva, Renato Mezan,

Cecilia Hirschzon

Coordenação: Mania Deweik

- Conferência:

Miriam Chnaiderman: A ESCUTA PSICANALÍTICA: A PALAVRA-IMAGEM

Projeção e discussão do filme "TABU" de F. Murnau

Organização: Renata Cromberg

- Seminário

Conrad Stein - ASPECTOS DO PROCESSO ANALÍTICO

- Conferência:

Suely Rolnik:

"CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DE AMÉRICA LATINA" - A PRODUÇÃO DO DESEJO NA ERA DA CULTURA INDUSTRIAL

- Conferência:

Marceline Gabel: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE SETORIZAÇÃO NUM

SERVIÇO DE S. MENTAL DE LINHA ANALÍTICA. (Centre Alfred Binet).

- **Evento:**

FUNDAÇÃO DA REVISTA **Percurso**.

Oradores: Madre Cristina, Silvia Alonso, Lilian Quintão

1989

- **Mesa Redonda:**

A PSICANÁLISE, GRUPOS E INSTITUIÇÕES

Participantes: Chaim Katz, Ana Maria Sigal, Maria Laurinda R. Souza, Jairo Goldberg

"FREUD - HISTÓRIA, TEORIA e PRÁTICA"

Evento organizado conjuntamente com: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, Sociedade de Psicanálise de São Paulo e Universidade de Campinas - UNICAMP. (por ocasião dos 50 anos da morte de Freud)

- **Mesa Redonda:** HISTÓRIA DA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA EM SÃO PAULO

Participantes: Luis Carlos Nogueira, Miriam Chnaidermann, Virgínia Bicudo

- **Mesa Redonda:** A TÉCNICA PSICANALÍTICA HOJE

Participantes: Ana Maria Azevedo, Silvia Alonso, Oscar Cesarotto

- **Conferência:**

Luis R. Monzani: SEXUALIDADE e PULSAÇÃO DE MORTE

- **Mesa Redonda:**

A RETÓRICA FREUDIANA

Participantes:

Bento Prado, Leopoldo Nozek, Osmir Galbbi

- **Mesa Redonda:**

O ESTILO DA ESCRITA PSICANALÍTICA
Ricardo Goldenberg, Luis Carlos Junqueira, Liana Reichtuhl

Mesa Redonda:

- **QUESTÕES DE TRADUÇÃO**

Participantes:

Luis Carlos Menezes, Renato Mezan

- **CONVITE** a Luis Hornstein

Seminários:

A PRÁTICA PSICANALÍTICA MEIO SÉCULO DEPOIS DO "ESBOÇO" DE FREUD (Três reuniões)

Conferência:

A HISTÓRIA DA PRÁTICA. A HISTÓ-

RIA NA PRÁTICA PSICANALÍTICA

- **Leilão Beneicente para Victor Lamerato Costa**

Organizado pelo Departamento de Psicanálise e Escola Vera Cruz

Participação de dezenas de artista plásticos
Leiloeiro: Maschio

1990

- **Conferência:**

Renato Mezan: EPISTEMOLOGÍA DA PSICANÁLISE?

- **Mesa Redonda:**

OS EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA

Participantes: Jose Anibal (Economista)
Mario Fuks (Psicanalista), Sérvulo Figueira (Psicanalista)

Coordenação: Adriana de Bona

Há fita gravada.

- **Conferência:**

Fernando Rocha (RJ): ENTREVISTAS PRELIMINARES, DEMANDA DE ANÁLISE E INÍCIO DE TRATAMENTO.

Há fita gravada

- **Mesa Redonda:**

A INTERPRETAÇÃO: O QUE, COMO E QUANDO

Participantes: Isabel Villutis, Geraldino A. Ferreira Neto

Apresentação e Coordenação: Maria de Fátima Vicente

Há apostila do Departamento.

- **Conferência:**

Silvia Alonso - OS HISTÓRICOS CLÍNICOS DE FREUD E A NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA

Foi feita apostila

- **Seminário teórico**

JURANDIR FREIRE COSTA

1) Rememoração histórica sobre o conceito de sexualidade no século XIX

2) Construção da linguagem da Intimidade e do Imaginário

3) O conceito de PERVERSÃO

Há fita gravada

1991

- **Mesa Redonda:**

VIOLÊNCIA, HOJE

Participantes:

Manoel Berlink (Psicanalista), Nelson Ascher (Poeta, tradutor, e Editor), Edna Matosinho de Pontes (Psicanalista)

Apresentação e coordenação: Lilian Quintão

Há fita gravada

- **Conferência:**

Luis Carlos Menezes, - QUESTÕES SOBRE A METAPSICOLOGIA DO ÓDIO E DA NOÇÃO DE DESTRUTIVIDADE

Há fita gravada

Trabalho publicado em **Percurso**

- **Mesa Redonda:**

A LUTA ANTIMANICOMIAL - LEI PAULO DELGADO (conj. com Diretoria e Clínica do Scedes)

Participantes:

Madre Cristina, Paulo Delgado (Deputado), Pedro Gabriel (Psiquiatra)

Coordenação: Mario Fuks

Há fita gravada.

- **CONVITE** a Gilou Garcia Reinoso

- **Conferência:**

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM PSICANÁLISE: Violência e constituição/deconstituição subjetivas

Apresentação e tradução:

Lucia Barbero Fuks

Grupos de supervisão

- Seminário teórico O PROBLEMA DO SABER: transferência, transmissão e instituição

Apresentação e tradução: Catalina Haas

- Entrevista para **Percurso** por Fátima Vicente, Mario Fuks e Silvia Alonso

- **CONVITE** a Monique Schneider

23-10 a 6-11-91

Seminário teórico:

O ACESSO À MATERNIDADE - A IMAGEM MATERNA NA TEORIA PSICANALÍTICA E NO DISCURSO CLÍNICO

Foi feita apostila

Seminário teórico:

ÉTICA ORIGINÁRIA: A CULPABILIDADE

Conferência:

O TRAUMA E A FILIAÇÃO EM FREUD E FERENCZI

Conferência:

AFETO E REPRESENTAÇÃO NA METAPSICOLOGIA

Também foram realizados seis seminários clínicos

Materiais preparatórios;

Publicações em "Percurso";

Organização: S. EVENTOS conjuntamente com R. Mezan

- **Conferência:**

Luis Alfredo Garcia-Rosa, O MALRADICAL EM FREUD

Seminário teórico Idem. Aprofundamento.

Apresentação: Renata Cromberg

Há fita gravada.

- Mesa Redonda:

AIDS = UM PROBLEMA DE TODOS
Participantes Wilson Campos Vieyra (Psicanalista)

Drauzio Varela (Médico oncologista)
Vera Paiva (Psicoterapeuta, Coord. Núcleo de Estudos para prevenção da Aids).

Apresentação e Coordenação:

Maria Auxiliadora C. Arantes

Há fita gravada.

O Setor contou com a colaboração de M. Auxiliadora Arantes e Maria de Lourdes Costa

REFLEXÕES SOBRE A CLÍNICA:

Exibição de vídeos. Troca de experiências clínicas com pacientes aidsíacos.

- VISITA Cristine Laznik (Assoc. Freudiana de Paris) e Bernard Penot (I. de Psicanálise de Paris)

Seminário teórico

Cristine Laznik-Penot, trauma e linguagem
M. C. Laznik fez um seminário interno sobre Diagnóstico e tratamento de crianças autistas em instituições junto ao Setor de Saúde Mental e Instituições.

Supervisões Bernard Penot e Cristine Laznik-Penot.

Conferência:

Bernard Penot, A RECUSA DA REALIDADE

Apresentação: Mario Fuks

Publicada em **Percurso**

Há fita gravada.

- Mesa Redonda: MENORIDADE

Local:

MIS - Museu de Imagem e do Som

Curta-Metragens:

"Rota ABC" de Francisco César Filho

"Viver a Vida" de Tata Amaral

"Dia de Visita" de Reinaldo Pinheiro

"Histórias de Crianças" de Thales Ab'Saber

"Ilha das Flores" de Jorge Furtado.

Debatedores: Miriam Chnaidermann

Coordenadora: Maria de Lourdes Trassi

Teixeira (Diretoria do Instituto Sedes)

Há fita gravada.

- Mesa Redonda:

ÉTICA E POLÍTICA: DESAFIOS À PRÁTICA DA CIDADANIA

Participantes:

José Dirceu, Mario Fuks

Samuel Mac Dowell de Figueiredo

Abertura: Madre Cristina

- Mesa Redonda:

HISTÓRIA E SUBJETIVIDADE

Participantes:

Suely Rolnik, Luis Claudio Mendonça Fi-

gueiredo

Apresentação e coordenação: Ana Maria Siqueira Leal

- Seminário teórico

Marcelo Viñar, **TRAÇOS ESSENCIAIS DA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA NA BABEL DAS TEORIAS**

Apresentação: Miriam Chnaiderman

Há fita gravada.

- Conferência

Olga Matus, **O SUJEITO NA ÉPOCA DA ECLIPSE DA RAZÃO**

Apresentação e coordenação: Renato Mezan

Há fita gravada.

1993

- Conferência:

Edmond Gilliéron, **PSICOTERAPIA BREVE PSICANALÍTICA E INTERVENÇÃO BREVE EM QUATRO SESSÕES.**

apresentação e tradução: Mauro Hegenberg

Há fita gravada.

Entrevista em "Percurso": "Psicanálise e psicoterapia: breve?" N° 11,2/1993, por Flávio Carvalho Ferraz, Mânia S. Dweik e Mauro Hegenberg

- Palestra: Miguel Matrajt, **SUBJETIVIDADE, TRABALHO E SAÚDE MENTAL.**

Apresentação e tradução:

Mario Fuks

Há Fita Gravada

Entrevista Para **Percurso**: Ruben Trucco

- JEAN LAPLANCHE EM SÃO PAULO
31/8 E 1/9 - Local: Centro De Convenções Rebouças

- Conferência: Interpretação e a Teoria tradutiva do recalque

Mesa: Ana Maria Sigal, Renato Mezan, Jassanan Dias Pastore

- Conferência: A Revolução Copernicana E Problema Do Outro

Mesa: Sílvia Alonso, Mario Fuks E Miriam Chnaiderman

- Encontro com estudantes na Puc.

- Encontro de Jean Laplanche Com Haroldo de Campos sobre tradução.

Comissão Organizadora Ampliada: Setor Eventos, Ana Maria Sigal, Sílvia Alonso, Renato Mezan

- Tradução do texto - "A Revolução Copernicana Inacabada", Mânia S. Dweik, Maria de Lourdes C. Costa

- Encontro de Jean Laplanche com os Professores do curso de psicanálise

Há fita gravada e vídeos das conferências e encontros.

1994

- Sobre A Formação: Para A Preparação Do N° 12 Da Revista Percurso

Organização em conjunto com a revista **Percurso.**

Participantes Da Mesa:

Ana Maria Sigal

Cleide Monteiro

Luiz Carlos Menezes

Rubia Mara Nascimento

Apresentação: Mara Sclaibe

- Debate:

POLÍTICA PÚBLICA NA ÁREA DE SAÚDE MENTAL.

Organizado Com O Conselho Do Instituto Sedes Sapientiae e o Setor de Saúde Mental e Instituições.

Mesa: Gastão Vagner De Souza (pt)

José Carlos Seixas (psdb)

Apresentação: Madre Cristina

Coordenação: Paulo Maldos

Comissão Organizadora

ESPAÇO ABETO

1988

- 5/abril/1988

Discussão de um caso clínico - Anorexia:

Vicissitudes da pulsão de morte

Apresentador:

Alcimar Alves de Souza Lima

- 3/maio/1988

Relato de uma experiência de ensino de Psicanálise de crianças -

Apresentadores:

Afranio de Matos Ferreira/Ada Morgentain/Lia Pitliuk.

- 7/junho/1988

As vicissitudes no tratamento de uma jovem com estória de reiterados abortos/ O difícil triunfo de eros sobre tanatos.

Apresentadora:

Marilucia Melo Meireles de Alencar.

- 20/setembro/1988

Psicossomática:

Um caso clínico.

Apresentador:

Wilson C. Vieira

- 11/outubro/1988

Tratamento Institucional de um paciente psicótico.

Apresentador:

Moisés Rodrigues da Silva Júnior

- 08/novembro/1988

Emergência numa Instituição - possibilidade de uma intervenção psicanalítica.

Apresentador:

Fernando Cantalice de Medeiros.

- 06/dezembro/1988

Discussão de um caso clínico

Apresentador:

Luiz Carlos Menezes

1989**- Agosto/89**

Psicanálise e instituições - a questão do convênio

Apresentação: Equipe do Convênio com a Secretaria de Saúde do E.S.P. (C.S.M.)

- Setembro/89

O tratamento psicanalítico das psicoses - fundamental mas não o bastante.

Apresentadora: Eliana Cicarelli.

- Outubro/89

O psicanalista na instituição escola. O que fazer?

Apresentadora:

Clara Brochstein

- Novembro/89

Invasões e limite psíquico - aproximações

teóricas de uma prática clínica.

Apresentadora:

Janeté Frochtengarten

- Dezembro/89

Uma entrada, uma saída de uma análise.

Apresentadora:

Joana Helena da Cunha Ferraz

1990**- 1º semestre/90**

Discussão de caso

Apresentadora: Julieta Nóbrega

- Agosto/90

A relação da histeria com a Morte do Pai

Apresentador:

Wilson Campos Vieira

- Setembro/90

Tratamento institucional de Psicóticos

Apresentador:

Moisés Rodrigues da Silva Jr.

- Outubro/90

Um caso Clínico

Apresentadora:

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

- Novembro/90

Melanie Klein, primeiros trabalhos: uma

abordagem.

Apresentadora: Elisa Maria Ulhoa Cintra.

1991**- Setembro/91**

Discussão do Regimento Interno
Setor Publicações - **Percurso**

- Setembro/91

Encontro com Renata Volich

- Outubro/91

Projeto sobre Serviço de Atendimento Psicanalítico

Apresentação e discussão do projeto, proposto por alunos do 2º ano do Curso de Psicanálise.

1992**- Maio/92**

Atendimento Psi na Universidade - experiência de três meses na Universidade de Lausanne - Suíça.

Apresentador: Mauro Hegenberg

- Junho/92

O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creches.

Apresentador: David Calderoni

REPORTAGEM

"O Corpo do Discurso e o Discurso do Corpo: Stanislávsky e Freud"

Tese apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, por Miriam Chnaiderman sob a orientação de Jacó Guinsburg, como requisito para obtenção do Título de Doutor em Artes.

Talvez o momento mais emocionante e, ao mesmo tempo, mais plenamente descritivo, tenha ocorrido ao final da exposição e das arguições com a banca, quando Jacó Guinsburg, ao tomar a palavra, relatou sua experiência com o trabalho de Miriam, na sua perseverança apaixonada aonde, segundo ele, pode vislumbrar tanto a presença de Regina Chnaiderman, de quem fora amigo desde a infância, quanto a de Boris, ali presente. Dois amores: psicanálise e arte. Afinal Miriam é Doutora em Artes Cênicas, nota 10, com louvor. Não sem os ditos 80% de transpiração e 20 de inspiração.

Seu trabalho já começa a se delinear na

dissertação de mestrado. "O hiato convexo: Literatura e Psicanálise", quando começa a alçar vôo, rumo a outras áreas do saber. Neste trabalho de doutorado, num novo salto, aterrissa por assim dizer, no campo do teatro e de lá traz questões, as quais coloca par e passo com a Psicanálise, cotejando ambos campos do saber, sempre atenta para aquilo com que a Psicanálise pode af se enriquecer. Aponta similitudes teóricas e técnicas.

A introdução já prepara o terreno: "O que vamos vendo é que tanto a Psicanálise quanto o teatro não podem ser abordados apenas sob o ponto de vista da lingüística ou de uma semiologia greimasiana, pois o não verbal é algo absolutamente constituinte do que lhes é essencial. Quer o teatro quer a psicanálise colocam em jogo a possibilidade de verbalizar o que não é da ordem do discursivo, ou seja, o afeto. Paixão e razão

convivem lado a lado na tessitura que os constitui (pg. 5).

O texto é permeado por citações de todos os tipos: Psicanálise, Filosofia, Teatro, etc..., enfim, haja fôlego! Isaias Melsohn o alcunhou de estilo dionisíaco, quase orgiástico. Característica do pensamento de Miriam, levantar questões, indagar constantemente. Neste sentido, talvez não possa ser fiel nesta apresentação do trabalho, não nas páginas (315), mas na excelente qualidade. Constatamos também que a banca, sendo constituída meio a meio, com Isaias Melsohn, psicanalista, Fausto Fuser, área de teatro, Silvana Garcia, idem, Norberto Abreu, do Instituto de Psicologia USP, acrescentou para nós, os espectadores desta defesa, na- duas direções, no sentido tanto crítico, quanto no enriquecimento das questões. Como Miriam atua como professora na ECA, foi-lhe solicitado tanto uma maior

soltura no campo do teatro, que também é seu, quanto esclarecimentos na psicanálise (por exemplo, cita a cena do **Homem dos Lobos**, mas não a descreve, o que os deixou curiosos).

Ficaram muitas questões fazendo eco que requerem a leitura do trabalho. Por exemplo, a comparação entre o **Método das Ações Físicas** de Stanislávsky e a livre associação na Psicanálise. É uma comparação entre a preparação do ator para que **ENCARNE** o personagem (conceito chave), e o afeto encarnado no trânsito paciente e analista, no processo analítico.

Em tempo: algum esclarecimento sobre Stanislávsky. Seu método é o aprendizado que consiste em tomar os elementos afetivos que são mobilizados "a serviço de uma ficção a ser criada no palco...". Miriam adota como método, seguir o **Percorso** teatral de Stanislávsky, através de sua autobiografia **Minha Vida na Arte**, originalmente ditada para O. Bochkanskia (1922-23). A vida de Stanislávsky foi a permanente luta contra qualquer estancamento no processo de criação (pg. 16). "A busca incessante de dar corpo ao espírito caracterizou a obra de Stanislávsky. Sua grandeza e generosidade

sempre o levaram a permanente busca do novo (pg. 17)".

Miriam aponta semelhanças nesta atividade febril e apaixonada pela vida, pelo novo em Stanislávsky e traça um paralelo em relação a nós, psicanalistas. Não sabemos se é um requisito a todo psicanalista, mas com certeza, em Miriam é.

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

REPORTAGEM

Livro: O Lugar dos Pais na Psicanálise de Crianças

"O sujeito se constitui de multiplicidades que se ligam para construir algo novo, não como agregado, senão como combinação"

(Ana Maria Sigal de Rosenberg)

Pensar na constituição desse "sujeito" e no trabalho do analista no processo dessa constituição, foi o convite que Ana Maria fez aos colegas que colaboraram nessa coletânea e a nós, leitores. As autoras nos falam sobre o lugar dos pais na psicanálise de crianças, seus desdobramentos, em diferentes leituras que instigam nossa reflexão e nos colocam, frente a frente, com as aflições que a clínica necessariamente nos trás. Ao receber uma criança em nosso consultório somos atropelados por questões que vão permeando nosso trabalho.

Por que foi trazido essa criança e com "quem" veio? A quem procuram os pais quando buscam um psicanalista para "seu filho"? Qual será o limite do nosso traba-

lho? Análise da criança, dos pais, com os pais ou sem eles?

"Com a criança chegam os pais, por vezes juntos, por vezes separados, mas sempre cheios de questões portadoras de enigmas". Será possível desconsiderar essa forma de chegada?

"Temos que criar um espaço de escuta para esses pais, no qual são oferecidos chances de se proceder ao desmanche das amarrações, o que vai dar possibilidades, então, desses pais reais poderem afastar-se e os simbólicos estarão presentes na análise daquela criança" nos diz uma das autoras.

Esse espaço de escuta não deve se confundir com a análise da criança: vai ser o espaço possibilitador.

A tarefa do analista vai ser o de considerar o lugar dos pais sem se deixar aprisionar pelos limites de quem traz a criança.

Seria difícil entender o que se passa com Nora (a menina que queria soltar-se e dar

saltos) sem se reservar um lugar para ouvir seus pais. Essas situações e muitas outras que são relatadas no livro são vividas todos os dias em nosso trabalho.

Através da história da psicanálise (teoria e prática clínica) e do **Percorso** de cada uma das autoras vamos nos localizando nesse campo rico, cheio de personagens muitas vezes concretos.

O livro vai nos confirmando a possibilidade de incluir criteriosamente, sem invadir, em cada momento da análise da criança, essas presenças inevitáveis.

Publicação: Editor Escuta (155p.)

Maria Auxiliadora Vidigal C. de Souza

CONGRESSO INTERNO

2ª Etapa

Os alunos e o Departamento de Psicanálise: uma posição.

Um dos temas discutidos de forma ampla na 2ª etapa do Congresso Interno relaciona-se às formas de entrada no Departamento. Atualmente foi lembrado, de forma exaustiva, que a única via de entrada é o Curso. Alunos e professores podem fazer seu pedido de pertinência que, na prática, significa pagar a anuidade. Psicanalistas "de fora", estão fora.

Relendo o item pertinente ao tema do atual Regulamento Interno, surpreendi-me ao constatar que a norma pela qual somente alunos, ex-alunos e professores do Curso de Psicanálise podem requerer sua pertinência ao Departamento, "vale até o final de 1986" (item *a* do tópico: "quanto aos membros" do Regulamento Interno em vigor decidido em Assembléia de 210985). No item seguinte consta: "profissionais de outras áreas do conhecimento e psicanalistas que não te-

nham passado pelo curso poderão incorporar-se a partir de 1987 na forma a ser definida pelos Estatutos..." Ou seja, não só os "de fora" podem entrar, como até "os não psicanalistas"! Só falta regulamentar... (Parece os dispositivos de nossa Constituição, jamais efetivados por falta de "regulamentação").

No entanto, à parte a posição de abrir ou não abrir para "os de fora" [pois o fato é que não está aberto], como está e como fica a rela-

ção entre alunos e Departamento? Creio que essa questão aponta para uma outra: como fica a relação entre Curso (Setor do Departamento) e Departamento?

Foi 'delegado' ao Setor Curso, a incumbência de selecionar os candidatos a aluno ou professor. E, conseqüentemente, também a tarefa (pelo menos até agora) de selecionar aqueles que podem aspirar, desejar pertencer ao nosso Departamento. Hoje é questionado se a seleção feita para o Curso basta, se deve haver outra ou ao menos outra forma de entrada no Departamento. E se o Curso deve continuar a ter a totalidade dessa 'incumbência' que também representa poder: poder de decidir quem pode entrar e quem não pode; poder de decidir quem deve e pode constituir esse Departamento. Nesse sentido, posiciono-me da seguinte forma: o Setor Curso deve ter não só a incumbência, mas o direito de selecionar seus alunos e professores segundo critérios próprios (quem tem condições de se beneficiar da formação oferecida no Curso, de acompanhá-la; quem tem condições de propiciar essa 'formação'), critérios que, idealmente, deveriam ser publicizados, divulgados no âmbito do Departamento. Especialmente, aqueles relativos à admissão de professores. Essa seleção se restringiria ao próprio Setor Curso, ou seja, a entrada para o Departamento seria outra. Qual outra, se

via uma comissão especialmente constituída para tal ou não, se via introdução de diversas 'categorias' de membros, caberia ao Departamento como um todo definir. O que enfatizo é que, uma vez explicitadas essas vias de entrada assim como os critérios a partir dos quais essa admissão seria efetuada, ambos deveriam ser tornados públicos.

Isso não significa que acredito ser possível existirem 'critérios totalmente claros e objetivos'. Quem seleciona julga, aposta, intui. O grau de 'objetividade' possível de ser expresso em 'critérios' é extremamente relativo. Na prática, mais uma vez, o que vemos hoje no Curso é que o grande critério é a confiança de que os selecionadores são capazes. O que significa dizer que os selecionadores se reconhecem como capazes desse julgamento, dessa aposta... Quem reconhece quem? O Departamento reconhece a capacidade (para a seleção) de parte de seus membros, o conjunto de professores? O Sedes reconhece?

Retornemos aos critérios: com toda a impossibilidade de 'objetividade', acredito ser possível explicitarmos (mais) o que desejamos ser enquanto Departamento e quem se deseja ter neste Departamento. Como decorrência, os critérios para entrada e pertinência podem se clarificar.

Ainda sobre os alunos: um aluno deve ser

selecionado para o Curso com vistas à possibilidade futura de pertinência ao Departamento? Sua 'transferência' prévia com a Instituição (Sedes ou Departamento de Psicanálise do Sedes) deve ser levada em conta? Ou, para fazer o Curso, os requisitos indispensáveis são outros?

Reite-ro minha posição: mesmo considerando que o conjunto dos alunos constitui, por excelência, o 'celeiro' de futuros membros do Departamento e também considerando que os critérios para entrada em um ou outro (Curso ou Departamento) não podem nem devem ser tão diversos, penso que a separação das vias de entrada nos beneficiaria. Seja porque profissionais competentes que não podem ou não querem 'passar pelo Curso' poderiam participar de outros setores do Departamento, seja porque nem todos os alunos preenchem os requisitos para pertencerem ao Departamento. E nem acredito que todos devam preencher. Profissionais que podem 'passar pelo Curso' com muito proveito, nem por isso precisam se 'identificar' com os princípios institucionais aqui existentes.

*Maria Lúcia de M. B. Calderoni,
membro do Departamento e aluna do
Curso de Psicanálise.*

CONGRESSO INTERNO

2ª Etapa

Uma experiência de Coordenar grupos.

A tarefa de coordenação do grupo que se ocupou das vias de entradas no Departamento, durante a 2ª etapa do I Congresso Interno, acabou sendo relativamente simples e agradável. O grupo funcionou de uma maneira interessada e integrada. Regina (Chú) definiu muito bem o que aconteceu como grupo quando, ao final do encontro, disse que tinha a impressão "que tínhamos descolado de algo (que impedia, acrescento eu, o trabalho conjunto criativo e produtivo

no Departamento) para nos colarmos um na fala do outro".

Com uma postura atenta às falas e às idéias, este grupo pode constituir um texto conjunto, saindo dos monólogos ruminativos presos às questões narcísicas e enfrentando questões delicadas, tanto atuais como do passado, para forjar uma nova possibilidade de pensar como queremos continuar a criar as leis que regem nossa convivência que sempre podem ser feitas, desfeitas e refeitas.

Como coordenadora eu procurei sintetizar

as linhas mestras da discussão em alguns momentos da mesma, retornando e ligando entre si falas significativas, para que a discussão pudesse ir se orientando rumo a conclusões e propostas para a Assembléia. Acho que fomos muito bem sucedidos contando com grande participação e interesse de um grupo de aproximadamente 30 pessoas.

Renata Cromberg

CONGRESSO INTERNO

Assembléia - Síntese

Síntese da Assembléia Extraordinária do Departamento de Psicanálise (26/11/94)

A Comissão Coordenadora Geral (C.C.G.) adiantou algumas etapas da Assembléia,

organizando-a. Mandou material preparatório com a síntese das comissões de trabalho da segunda etapa do I Congresso Interno arrolando, ao lado, os estatutos atuais do

Departamento, dos quais não constam regras para o funcionamento da Assembléia. Sugeriu uma organização, que podia ser inclusive discutida.

- 1) Funcionamento da Assembléia
Caráter Decisório (votam membros)
- 2) Aprovação de Propostas (maior número de votos)
- 3) Etapa I
Apresentação e discussão de propostas
Inscrição
Tempo de palavra (até 5 min, cabendo a pessoa permitir ou não apartes, cujo tempo seria descontado)

Intervalo

- 4) Etapa II
Sistematização e votação
Encaminhamentos contra (2 min.)
a favor (2 min.)

A C.C.G. inicia a assembléia, esclarecendo tratar-se de uma Assembléia Extraordinária (não haverá eleição de uma nova Comissão). Decidiu-se também que o tema inicial de discussão seria FORMAS DE GESTÃO, a partir dos encaminhamentos do Congresso. Esta primeira etapa constitui-se de esclarecimentos, informes e propostas.

Um informe dado por Cleusa Pavan foi sobre o grupo de trabalho de Clínica, lembrando o material já divulgado e a proposta de SETOR CLÍNICA para o Departamento. Decidiu-se que as propostas fossem esclarecidas pelos seus proponentes. Duas orientações se delinearão:

- 1) um aprimoramento da forma atual (C.C.G.)
- 2) formação de chapas com projeto político definido para o Departamento.

Sistematização das Propostas

- 1) Manutenção da atual forma de gestão:
 - representantes de Setores
 - 3 autônomos eleitos em Assembléia
 - autônomos = 2 vezes o número de representantes
 - explicitar previamente na Assembléia propostas setoriais.

Dentro desta proposta surgiram algumas falas diferentes.

Uma, basicamente encabeçada por M. Fátima vicente e Adalberto, que tem o sentido de valorizar a forma atual, considerando que já existe uma política nos setores e que o Departamento e os setores são uma coisa só, com dificuldades de comunicação, tornando difícil a visibilidade da política em vigor. Renata Cromberg coloca que nós, como psicanalistas, temos que trabalhar com a questão do poder de forma diferente, e cita Emílio Rodrigué que compara esta questão com o trabalho do luto e do sonho. Considera que a questão da formação de chapas pode ser tamponador de uma dificuldade contínua com o poder. A política é fruto das práticas e a C.C.G. é a tessitura das diretrizes que vem surgindo das suas práticas.

Fátima Vicente propõe, como aprimoramento da atual forma de gestão, a instituição de um congresso anual que a C.C.G. produziria e quatro linhas de problemas de política:

- a) política financeira
- b) política de admissão ou pertinência
- c) política de inserção no Departamento
- d) política científica

2) Nova forma de gestão

Chapa que inclua integrantes dos setores (os representantes não devem ser da chapa), com programa previamente definido se houver mais de uma chapa, garantir representabilidade das demais

3) Forma mista

Representantes de setores mais autônomos com funções e propostas definidas:

- a) Coordenador Geral
- b) Secretário
- c) Tesoureiro
- d) Coordenador Científico

Na 2ª etapa, quando se realizaria a votação, decidiu-se adiá-la. Renata Cromberg defende isto, com o intuito de aprimorar essas

propostas e valorizar o imenso trabalho do encontro e deixá-lo amadurecer. Renato Mezan fala em favor de votar neste dia o que é possível ser votado.

Os membros do Departamento que tinham diferentes propostas, 'na verdade', não tinham claro os antagonismos, mas antes a necessidade de aprimorar o funcionamento atual. Manter a forma atual ou forma chapas parecia viável a todos? Votação

A favor (adiar)	Contra (adiar)
35 votos	9 votos
Abstenção	
1 voto	

Decidiu-se, considerando a necessidade de maior preparação, marcar nova Assembléia, com encontros anteriores de preparação.

Proposta A

(encaminhamento do material até 15/03/95, para a C.C.G. divulgar)

datas: 25/03
08/05
29/05 - eleição
Total de votos: 27

Proposta B

(encaminhamento até 25/03)

datas: 08/05
29/05 - eleição
Total de votos: 14

O mandato da C.C.G., passará de fim de março para fim de maio, possibilitando o andamento deste processo.

Nestas novas datas devem ser discutidos os outros itens arrolados no congresso (pertinência, etapas de pertinência, etc...)

M. Lúcia Bersou encerra a Assembléia retomando tanto as críticas quanto os elogios à C.C.G. "Se conseguimos este desempenho, devemos dedicação de Dodora".

Elisabeth Antonelli Gaiarsa

CONGRESSO INTERNO

Assembléia - Comentários

Comentário rápido sobre a Assembléia Geral Extraordinária do dia 26/11/94

A discussão em torno do tema: Formas de Gestão para o Departamento deixou entrever diferenças de visões, que deverão ser explicitadas no período de dezembro/fevereiro e março, porém, gostaria de ressaltar uma convergência, a meu ver, bastante importante.

Se retrocedermos no tempo: Assembléia Geral do Departamento, março/abril de

1993, para composição e eleição da Gestão 93/94 da CCG, poderemos ver que naquela ocasião tivemos:

- 1) representantes dos diferentes Setores apresentando-se - escolhidos pelos seus pares - para comporem o quadro de coordenadores, munidos de um **Balanco e de Perspectivas** (projeto de trabalho do Setor) para o período seguinte de atividades,
- 2) membros do Departamento, **indicados**

na hora e ato da Assembléia para comporem o quadro de autônomos, munidos de uma trajetória pessoal no Departamento, de um desejo e um potencial de trabalho para um período de Coordenação. Um programa de ação para a Gestão eleita seria apresentado para *referendum* depois de algum tempo. Das pessoas indicadas, algumas aceitaram, outras não, e a Assembléia referendou **nomes**, aceitando que a Gestão 93/94 ficasse

se desfalçada de um membro autônomo e dos suplentes dos mesmos.

Hoje, imediatamente após a Assembléia Geral Nov/94, parece-me ser possível aventar que, embora a polêmica tenha caminhado no sentido da cristalização de uma "oposição", fundamentalmente, entre duas visões: "eleições por chapas com programas" e "eleições sem chapas definidas", ambas estão ancoradas na idéia da necessidade de explicitação de um programa de ação, anteriormente à eleição de uma gestão.

Programas de ação não necessariamente são plataformas políticas totalmente definidas. Podem até mesmo ser o arrolamento de algumas metas, tais como as formuladas pela Renata: que a CCG deve fazer o acompanhamento do cotidiano das produções dos setores, a tecitura das diretrizes em andamento e a apresentação das diretrizes quando elas estiverem consistentes, ou arrolamento de alguns pontos pragmáticos como os sugeridos pela Fátima.

Embora contrária em princípio à gestão por chapas com programas de ação, a Fátima acaba formulando um programa de ação até que bastante abrangente, para uma próxima CCG. Em uma de suas últimas interlocuções ficou formulada a idéia de que a CCG deveria promover/produzir: um Congresso anual ou bianual, reuniões intersectoriais periódicas, uma política financeira para o Departamento, uma política de admissão e pertinência (definição de modos de admissão e modos de inclusão, etc) uma política de inserção no movimento psicanalítico internacional, uma política científica.

Nestas posições, me parece evidente, está a idéia de funções, metas e projetos de trabalho a idéia para um biênio, talvez para alguns próximos biênios, no caso da sua formulação pela Fátima. São propostas mais, ou menos, abrangentes, porém são programas de ação. Com eles aparecem visões políticas em termos de organização e de Departamento, porém, juntamente com as demais posições defendidas na assembléia, apontam para a possibilidade de caracterização de um momento diferente para o Departamento que vinha elegendo nomes que, por mais significativos que possam ser, não deixam de ser nomes desvinculados de um projeto escolhido de maneira mais trabalhada.

O fato destes programas de ação serem discutidos e elaborados previamente, de modo individual ou por um grupo de pessoas que inclusive queira se apresentar como "colegiado" "chapa" "grupo", é que parece ser o ponto da discórdia.

De qualquer maneira, propor funções e/ou tarefas para a CCG é também propor plataforma de ação. Resta saber se, para conduzir funções, tarefas, programas de ação, mais abrangentes ou menos abrangentes, elaborados solitariamente ou em grupo, discutidos e aprovados na Assembléia Geral, seria ou não mais confortável fazê-lo através de um grupo de membros com maiores afinidades entre si. Não querendo diluir questões políticas, o que eu gostaria de enfatizar sim, é o grau de envolvimento, de investimento e de calor que estará em questão se uma Assembléia Geral para eleição de uma gestão for precedida de discussão em grupo

e/ou ampliada, em torno de um programa de ação, projeto de trabalho ou plataforma política, para um biênio de gestão.

Este momento tem se revelado bastante propício para o aprofundamento destas visões e, na própria Assembléia, ficou sugerido um compromisso com maiores explicitações. Estarei trabalhando nesta direção, juntamente com outros colegas, afim de contribuir com o debate interno de idéias e com o meu próprio esclarecimento já que não me considero, de antemão, fechada nesta posição de defesa das chapas, embora pense que ela reflita um momento de razoável envolvimento com a descompartmentalização do Departamento, isto é, com a extensão, para o coletivo, de pressupostos praticados nos setores e encrustados nos mesmos como se fossem políticas restritas apenas a seus âmbitos de atuação.

Mesmo que seja apenas para colher estes pressupostos das práticas dos setores, dar visibilidade a eles, através de contornos mais definidos, são necessárias pessoas com disponibilidade para tal ação e com disponibilidade, entre si, para o trabalho. Isso pressupõe escolhas, o que, a meu ver, sugere algo diferente do que vêm acontecendo até o momento em termos de eleição de coordenação. Sugere algo que ultrapassa a idéia de composição por somatória de pessoas indicadas em assembléia, eleitas e reunidas numa instância cuja função chega, às vezes, a ser ignorada.

Cleusa Pavan

CONGRESSO INTERNO

Assembléia - Comentários

Repensando a Assembléia

Em poucas linhas, gostaria de recuperar uma questão que me restou da última assembléia.

A atual C.C.G. herdou das últimas gestões, mais especificamente da última, a tarefa de convocar uma assembléia extraordinária que deliberasse sobre as inquietações que pulsavam há muito tempo no Departamento.

Observando os documentos históricos do Departamento percebo que estas pulsações (questões) são insistentes e ocupam a "boca de cena" em muitos debates formais e informais. Referem-se à pertinência, o reconhecimento e a autorização.

Porém até este momento não se havia encontrado uma forma de elaborá-las, processá-las.

Esta C.C.G., da qual com orgulho faço parte mas neste momento não escrevo em seu nome, ao receber esse legado não recuou - o que não seria difícil de acontecer. Felizmente pode processar essa herança e encontrar uma forma de organização contida àquelas pulsações.

A forma para isso revelou-se num abrir de questões oriundas do ser psicanalista e do sê-lo em nosso Departamento. Esta formação permitiu também implicar aqueles que por ventura não estivessem tão envolvidos no dia a dia do Departamento, por exemplo, os alunos que requereram sua participação. Enfim, todas as pessoas e todas as idéias tiveram voz.

Não quero me estender em todos os detalhes deste processo gestacional, mas enfatizar que ele permitiu evidenciar, para quem

ainda não estivesse inteirado, a produção do Departamento.

Em menos de um ano, aproximadamente sete meses, este Departamento, baseado nesta organização, produziu perto de 250 páginas de material de alta qualidade em 5 cadernos, que mantiveram as produções no original.

Continuando com esta contabilidade: fórum, até a Assembléia Deliberativa, perto de 20 horas de trabalho coletivo, sem contar o tempo de preparação individual do material e a leitura dos mesmos - era fundamental a leitura dos documentos, pois tratavam das respostas de que carecia o Departamento. Participaram de cada encontro, em média, 60 membros.

Todo este trabalho foi mobilizado por circulares freqüentes que orquestraram um

Departamento que, segundo observo, "Departamentaliza-se", conseqüentemente enfraquece a relação inter-setorial. Apesar disso, o encontro aconteceu.

Talvez tudo isso não ocorresse se não houvesse uma operacionalização da demanda inicial. A estrutura organizativa do Congresso Interno foi essa operacionalização - preocupada com manutenção dos princípios fundadores do Departamento, isso através da sustentação de uma dimensão utópica* que emana da carta de princípios do Instituto Sedes Sapientiae e não poderia ser sucumbida e nem tampouco gerar um esvaziamento por nenhuma forma de organização. Dessa maneira, todas as idéias, tudo o que se falou e escreveu está documentado e foi, e continuará sendo, divulgado a todos os membros.

Gostaria de, temporariamente, remeter o leitor ao poster "Historicizando" (desenvolvido por Cleide, Mania e Maria de Lourdes), apresentado na 1ª Etapa, que organizou os movimentos do Departamento e dele ressaltar um trecho retirado dos documentos de fundação do Departamento:

"O Departamento de Psicanálise é concebido como um espaço no qual um grupo de psicanalistas preocupados com a produção

no âmbito da Psicanálise, concordantes com os princípios fundamentais que regem a instituição Sedes se reúnem a fim de trocar idéias que enriquecem sua formação teórica e reverteria em benefício de sua prática clínica..."**.

Nesse trecho, que as autoras do poster retiraram do projeto de implantação do Departamento de Agosto de 1985, portanto há 9 anos e 4 meses, observo algo que me parece bastante diferente da realidade atual.

Creio que não nos encontramos mais no Departamento apenas com o propósito de trocar idéias, que enriqueçam a formação (permanente) do analista mas sim, analistas já preocupados com a produção em Psicanálise o que me parece diferente da preocupação inicial de 1985 (não é preciso enunciar, mas acho que as vezes esquecemos o quanto produzimos).

Naquela forma "principiante" de preocupação, reconheço um desejo claro de aprimoramento da formação individual, enquanto que, aos meus olhos, percebo hoje um Departamento preocupado em produzir. E como se produz aqui!

Creio que uma imagem pode "falar" mais do que todas essas palavras:

Uma criança "preocupa-se" com o que se

passa no "âmbito" do desejo materno, no adulto, por que seu projeto é sê-lo, ou pelo menos parecer-se com ele.

Para se tornar esse adulto é preciso romper esse olhar e trazê-lo para a construção de uma auto-imagem capaz de, no mínimo, ser objeto do olhar de outras crianças.

- Olhamos em demasia e agimos bem pouco! A certeza de uma maturidade só se obtém *après-coup*, mas o projeto - a dimensão utópica de que falava Miriam - pode se ter antes mas será preciso um risco. A noção do risco configura-se no caminho da maturidade, pois conceber uma trilha sem eles é imaginar algo demasiadamente sublime, onde a imprevisibilidade da sexualidade fica fora.

Aceito esse momento de impasse do Departamento mas não aceito que perpetuemos a inação. Por que não será através dela que constituiremos uma identidade, há anos desejada.

Wilson Klain

* Expressão utilizada por Miriam Chnaiderman na Comissão C da segunda etapa do Congresso Interno, referindo-se à mesma questão.

** O grifo é do poster "Historicizando".

CONGRESSO INTERNO

Comentários

Decida-se

Num primeiro momento, muitas dúvidas; ao ouvir algumas falas sobre se ter um grupo gerenciando o Departamento com um programa prévio semelhante em sua composição à C.C.G. porém enfatizando-se a necessidade de um programa e de cargos, tendia a me inclinar nesta direção e a pensar que esta era a alternativa mais viável. Em seguida, acompanhando as defesas de se ter chapas como uma forma principalmente de explicitar diferenças e também definir programas de ação, voltava-me para o outro lado. Seria só uma questão particular de indecisão? Constatei que não; ouvi várias opiniões semelhantes e pensei em me deter um pouco para observar melhor esta "oposição".

A meu ver uma mudança na atual forma de gestão é indispensável sob risco de uma nova comissão, nos moldes atuais, não conseguir funcionar ou nem mesmo ser eleita. Não há divergência quanto à necessidade de mudança. Também pareceu-me não haver dúvidas quanto à necessidade de um programa prévio que determine os cami-

nhos a serem percorridos pela nova gestão, programa este, aprovado em Assembléia sem o que não teria o respaldo necessário para se viabilizar. Portanto, o que à princípio pareciam duas idéias opostas (chapa x não chapa) começava a mostrar um ponto fundamental de convergência: o programa prévio. Este ponto conduziria na prática à formação de uma chapa (ou grupo ou qualquer outra denominação que se queira dar). Parece-me inviável que possa se formar um grupo para pensar um programa de condução do Departamento por dois anos se este mesmo grupo não desejar assumir este lugar. E se assim for, porque não ser uma chapa?

Para se ter um programa prévio é preciso que o grupo que se dispunha a fazê-lo tenha afinidades e interesses comuns. Quanto mais o programa que este grupo vier a elaborar se aproximar dos interesses do coletivo do Departamento, mais representativo ele será. Se houver idéias muito opostas, é provável que outro grupo se encarregue de organizá-las em um outro programa. Vale lembrar que na última eleição do C.R.P. os programas eram parecidos diferindo os gru-

pos que os defendiam.

A possibilidade de se ter chapas deixa aberta a porta para que as oposições que quiserem se manifestar tenham um caminho legítimo para fazê-lo. E se isto não ocorrer, tem-se a chapa única.

Esta forma de gestão seria, a meu ver, facilitadora de uma melhor composição e organização da Comissão, evitando que se leve praticamente um ano compondo uma estrutura mínima de funcionamento. Facilitaria também porque, excetuando-se um período de transição pelo qual teríamos que passar, já na gestão seguinte se faria a convocação das chapas, com um período de antecedência de forma que, na época da Assembléia e eleição, todos os membros já teriam recebido os programas.

E os representantes de setores? Esta é uma questão que pode ser pensada de várias formas mas que não me deterei aqui para analisar. Fica o convite para quem quiser contribuir de alguma forma fazê-lo.

Sônia Maria Rio Neves

CONGRESSO INTERNO

Comentários

Uma Nota

Frente a condução que demos à situação, no final da última assembléia, de votarmos ou não, naquele momento, a forma de gestão do Departamento gostaria de dizer o seguinte: penso que votamos também na importância de "encontros gerais" dos membros do Departamento para a discussão e andamento das questões que nos concernem. Reconhecemos aqui, quero crer, um grupo de interlocutores que, em linhas gerais, e com todas as diferenças, integram a formulação de nossas próprias propostas. Pessoalmente, e me parece que isto ocorreu

com muitos outros (por exemplo, tem-se falado muito da necessidade de "espaços abertos", congressos anuais, etc.), independentemente e além das muitas horas dispensadas em leituras das propostas e discussões com grupos pequenos - com paciência e ciência possíveis e necessárias frente à abrangência de certas questões, assim como ao *timing* para sua pertinência - refletir com o "grupo Departamento", neste processo, me é fundamental. As discussões que aí têm sido processadas trazem considerações **outras** (de **outras** pessoas, **outras** grupos que não aqueles com os

quais nos reunimos "mais naturalmente"), e isto vem em acréscimo a todo trabalho feito anteriormente.

Neste sentido, entendo que foi extremamente pertinente e produtivo que, nessa ocasião, tenhamos, em maioria, garantido a continuidade e, o que pretendemos, o aprofundamento da discussão ali processada e, por conseguinte, uma maior clareza e consistência das propostas a serem votadas logo adiante.

Maria de Lourdes C. Costa

PROJETOS / PROPOSTAS

1 - A partir do Congresso Interno, a questão da produção.

Das inúmeras "conexões produtivas" no interior do Departamento vai se abrindo novo leque de possibilidades.

Uma idéia, ainda embrionária, começa a tomar corpo: Oferecer alguns seminários (grupos de estudo - que pouco a pouco irão se constituir em grupos de pesquisa) de reflexão sobre a prática da Psicanálise que possam funcionar como suporte para a nossa "interminável formação" de analistas.

Mexer muito pouco com a teoria pode ter

efeitos empobrecedores para a clínica, que corre o risco de se mecanizar, de se tornar algo próximo de um tecnicismo prescritivo. Talvez, uma evolução para nós, poderia estar mais em conseguirmos a clinicidade das proposições dos textos, do que em diminuir o seu uso - texto que Luís Carlos Menezes apresentou no Congresso Interno do Departamento.

Dois membros, pertencentes ao setor Curso, se dispõem - à partir de 1995 a iniciar

seminários quinzenais para membros do Departamento interessados nos temas a serem propostos.

Algumas questões práticas e outras institucionais estão ainda em discussão.

Mas assim que algo mais definitivo estiver pensado, vocês serão comunicados.

Anna Maria Amaral

2 - Projeto Psicanálise-Universidade: proposta de um evento-jornada

A idéia: membros do Departamento e/ou alunos do Curso, cujas dissertações ou teses universitárias impliquem Psicanálise, exporiam o cerne de suas produções, sendo comentados por colegas em idêntica condição, culminando num debate aberto a todos os presentes. Os textos das exposições, montando a até 20 páginas, formariam um livro a ser possivelmente publicado pela

Editora Escuta (em eventual associação com os órgãos editoriais da USP e da PUC), cujo lançamento poderia coincidir com o evento. A jornada teria lugar no anfiteatro do Sedes, nas noites de 5ª feira, ao longo de um mês, no primeiro semestre de 1995.

Se você é membro do Departamento ou aluno do Curso, produziu uma dissertação ou tese universitária em que a Psicanálise

ocupa um lugar importante e está interessado em participar do evento, entre em contato comigo pelo tel. 61-5117, deixando nome e telefone caso não me encontre.

David Calderoni

INFORMES

Projeto da Clínica Psicológica do Sedes

1. Clínica Psicológica

Na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 26/11/94, foi entregue um anexo contendo os Posters do "Projeto da Clínica

Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae" e do "Curso de Psicose". O texto da Clínica inclui um histórico, o projeto em si, os coordenadores de cada setor (são sete no

total) e o coordenador geral; foi formulada também uma proposta de Setor Clínica no Departamento pelo grupo que trabalhou neste projeto.

Compõem este grupo atualmente:

- *Adriana de Bona*
- *Claudia Justimonti*
- *Cleusa Abreu*
- *Cleusa Pavan*
- *David Calderoni*
- *Denise M. Cardoso C.*
- *M. Lúcia Calderoni*
- *Regina g. de Almeida*
- *Rúbia Mara Nascimento*

2. Curso de Psicose

O texto "Curso de Psicose" também se ini-

cia com um histórico dos convênios de Saúde Mental com o Estado e a Prefeitura e as modificações que ocorreram em função de mudanças políticas e de outros fatores. Descreve a seguir a proposta inicial do Curso, uma análise de seu funcionamento ao longo de um ano e a proposta de programa de curso para 95. Fazem parte deste grupo:

- *Alexandra Steriam*
- *Eliane Berger*
- *Márcia de Mello Franco*
- *Mário Fucks*
- *Nayra Cesaro Ganhito*

• *Renata Caiffa*

Os dois textos estão à disposição dos interessados na Secretaria do Departamento, com Rose

3. Datas de Publicação dos Boletins

O Boletim informa que no ano de 1995 volta a ser editado em suas datas habituais:

- 15 de Abril
- 15 de Junho
- 15 de Setembro
- 15 de Novembro

INFORMES INSTITUTO

Proposta para Ampliação do Projeto Sedes

"Falo assim sem saudade, falo por acreditar. Se muito vale o já feito, mais vale o que será. Mais vale o que será."

E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir" (Milton Nascimento)

O país atravessa uma crise muito profunda com reflexos enormes em todas as áreas agravando as condições sociais, materiais e de saúde. As tentativas de aplicação de um projeto "neo-liberal" ao país só agravaram a situação dos brasileiros e provocaram o sucateamento do aparelho do Estado, notadamente todos os serviços, e especialmente os de Saúde.

O Instituto Sedes nos últimos anos, através de todos os seus setores, tem buscado uma melhor definição do seu perfil e papel diante das novas conjunturas que o país atravessa, tendo como guia a Carta de Princípios que o orienta.

A Comunidade Sedes (Os Cursos, os Centros, a Clínica, Administração, Núcleos etc.), atenta a essas questões e aos nossos princípios, deve participar ativamente com propostas, projetos e trabalhos concretos que contribuam para a melhoria das condições sociais e de saúde do país, apontem soluções para as questões emergentes e estimule o debate das questões que o Brasil atravessa.

Esses compromissos de princípios e de fundamento tem norteado a atual Diretoria do Sedes. É necessário prosseguir-los aprofundando-os, inovando e fortalecendo a Instituição.

É necessário um aprofundamento e desdobramentos do que foi construído neste ano para que o Sedes possa se fortalecer ainda mais como instituição amante e integrada à vida social, política, científica e cultural do país.

De forma geral, podemos afirmar que a

atual Diretoria, trabalhando com uma metodologia que combina divisão clara de atribuições e responsabilidades e participação ativa dos diversos setores do Instituto conseguiu:

1 - Impulsionar a ampliação da Clínica Psicológica na perspectiva de um modelo institucional exemplo do ponto de vista de nossos princípios políticos, sociais e científicos com ampla participação da Comunidade.

2 - Profissionalizar e aperfeiçoar a infra-estrutura de apoio aos vários serviços oferecidos pelo Instituto, do ensino à Clínica Psicológica; p. ex. com a ampliação das áreas informatizadas, a instalação da Biblioteca Madre Cristina em novo local, e a mudança da Clínica para uma área mais ampla.

3 - Ampliar a participação dos Cursos e Departamentos nas decisões concernentes às suas atividades, propostas e demandas bem como implementar novos Cursos de formação com excelente aceitação por parte dos profissionais.

4 - Ampliar a intervenção do Instituto na área de elaboração de políticas públicas, de formação dos agentes de Saúde Mental e de formação institucional com a oferta de novos Cursos de Formação.

5 - Consolidar e fortalecer as estruturas internas do Instituto, promovendo a articulação de suas diferentes áreas e setores.

6 - Participar nos debates da sociedade civil brasileira, como p.ex. foi a nossa participação no processo de *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor.

7 - Iniciar a aproximação do Instituto com a comunidade científica, com uma primeira aproximação institucional junto ao CNPQ.

As Novas Propostas

Neste momento, estamos diante de uma

nova conjuntura de eleições para a Diretoria do Instituto. Sendo assim, necessitamos refletir para a partir de uma avaliação do que foi realizado, projetarmos as tarefas para a direção do Sedes no próximo período. Ao nosso ver, trata-se de ampliar e aprofundar o que foi realizado, nas várias áreas e setores da instituição:

a) Criar condições para que a Nova Clínica, em implantação, tenha condições técnicas e materiais para a realização de convênios de prestação de serviços na área de Saúde Mental com entidades, sindicatos, associações etc., criando condições para auto financiamento do Projeto e abrindo novas áreas de trabalho e formação para nossos profissionais.

b) Discutir e propor junto com a comunidade novos cursos de formação que atendam novas demandas de formação e que se coadunam com nossos princípios.

c) Ampliar a dimensão propriamente científica e investigativa do Instituto, através do nosso maior aparelhamento para este fim; O Sedes, pela sua história e pelo seu reconhecimento atual, tem todas as condições de se afirmar nacionalmente como um centro de produção teórica e de pesquisa em várias áreas. É fundamental buscarmos os canais adequados que possam respaldar institucionalmente e com os recursos necessários, o incremento de atividades científicas do Instituto.

d) Continuidade do aperfeiçoamento e profissionalização dos serviços de apoio que o Sedes oferece dando mais respostas e melhores condições de trabalho para os professores e funcionários e boas condições de atendimento aos usuários dos nossos serviços;

e) Ampliar a intervenção do Sedes no debate nacional sobre políticas públicas, principalmente na área que temos maior acúmulo profissional, ou seja na área de Saúde Men-

tal. Tudo indica que os cenários políticos do próximo período serão extremamente desafiantes para as organizações não-governamentais (ONGs), principalmente aquelas, como o Sedes, comprometidas com a perspectiva de melhoria de condições de vida dos setores populares. É importante que aliado a nossa integração e fortalecimento interno consigamos um aumento de nossa capacidade propositiva, de intervenção no debate político sobre alternativas para a Saúde Mental, uma maior visibilidade das nossas propostas e uma consolidação do Sedes como instituição com legitimidade de interlocução entre aqueles que discutem e decidem os rumos da Saúde Mental no país, no estado e no município.

f) Incentivar maior participação e articula-

ção dos Centros - CEPIS e Centro de Filosofia - e Departamentos do Instituto, na elaboração e implementação de uma política da instituição. O processo de construção do Projeto Clínica mostrou que é possível um maior nível de participação e compromisso de setores do Instituto com a elaboração e execução de propostas que envolvam a todos. É importante aprofundar este processo, abrindo espaços para que a participação se intensifique e se amplie em todas as áreas do Instituto, produzindo uma política e um perfil institucional mais claros e representativos deste conjunto diversificado que é o Sedes.

g) Melhoria da organização institucional implementando políticas que reforcem o caráter - Instituição - do Sedes e viabilizem

com maior facilidade os objetivos que a Comunidade se propõe. Neste sentido, nos propomos a criar sempre melhores condições e espaços de participação do corpo de profissionais do Instituto, respaldando e viabilizando as propostas que signifiquem avanços no campo da formação, dos serviços e da intervenção na área pública.

São Paulo, novembro de 1994

Carlos Lichtsztejn

Léia Maria de Mora Cardenuto

Lucia Barbero Fuks

Marica Regina Porto Ferreira Hegenberg

CLASSIFICADOS

Sidney K. Shine informa aos colegas que estará com o consultório fechado a partir de setembro de 94 por motivo de estudos no exterior.

Conselho Editorial

Elisabeth Antonelli Gaiarsa, Eva Wengtschowski,
Maria de Lourdes Calceiro Costa, Sônia Maria Rio Neves

Produção Gráfica

AD Central Tecnologia Gráfica Laser - Tel.: 887-7782

Impressão

AD Central Tecnologia Gráfica Laser - Tel.: 887-7782

Tiragem

250 exemplares

Redação, Administração e Correspondência

R. Ministro de Godoy, 1484 - CEP 05015

São Paulo/SP - Tel.: 262-8024